

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação
Curso de Comunicação Social com Ênfase em Jornalismo

João Vítor Trindade

**UBUNTU:
O QUE FAZ UMA PESSOA SE SENTIR PARTE DA COMUNIDADE?**

São José dos Campos - SP
2025

João Vítor Trindade

UBUNTU: O QUE FAZ UMA PESSOA SE SENTIR PARTE DA COMUNIDADE?

Relatório apresentado para o Trabalho de
conclusão de curso de Jornalismo,
da Universidade do Vale do Paraíba:

Orientadora Professora Vanessa Vantine

São José dos Campos – SP
2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Trindade, João Vitor
Ubuntu: O que faz uma pessoa se sentir parte da comunidade ?
/ João Vitor Trindade; orientadora, Vanessa Martins Vantine. -
São José dos Campos, SP, 2025.
110 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale
do Paraíba, São José dos Campos. .

Inclui referências

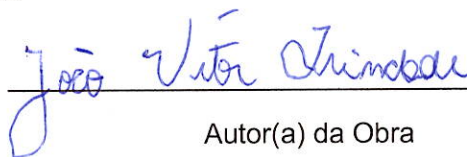
1. . 2. Ubuntu . I. Vantine, Vanessa Martins , orient. II.
Universidade do Vale do Paraíba. . III. Título.

Eu, João Vitor Trindade, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 10 de Dezembro de 2025.


Autor(a) da Obra

Data da defesa: 10 / 12 / 2025

Ac232679

Epígrafe

“Saio em busca de um grande talvez.”

François Rabelais

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a todos que me apoiaram e estiveram ao meu lado nesta caminhada. Agradeço à minha família, que sempre me acalmou e me deu forças, especialmente aos meus avós Nilda, Paulo, Cida e Nelson, ao meu padrinho Felipe e aos meus irmãos.

À minha psicóloga, por ter me ajudado a conduzir este processo com mais consciência e equilíbrio.

Aos meus amigos jornalistas da Univap, Eric, Giovanna, Leonardo Lobo, Bianca, Elizia e Sara e à Cecília. Aos colegas de Publicidade Guilherme, Isabella, Rebeca, Lana e Artur, espero não ter esquecido ninguém. Agradeço também à minha amiga Adrielle e à sua família, pelo carinho e incentivo constantes.

Aos meus companheiros do Rotaract, da Hamburgada do Bem e do movimento escoteiro, que foram grandes inspirações para a escolha do meu tema. Aos professores Vanessa e Viviane, pela orientação atenciosa; à Beth, pelo apoio; e ao professor André Rosa, da TV Univap, pela parceria e aprendizado. A todos vocês, o meu sincero muito obrigado.

RESUMO

A pesquisa que fundamenta este Trabalho de Conclusão de Curso tem caráter exploratório e busca compreender a filosofia Ubuntu, seu impacto na vida das pessoas e em associações ligadas a essa concepção. Para isso, serão analisados as motivações e os impactos dessa filosofia no contexto social, considerando seu princípio de interdependência. Além disso, o estudo abordará a história da filosofia africana no Brasil, seu apagamento histórico e a apropriação de seus termos por pessoas e grupos que, muitas vezes, desconhecem seu verdadeiro significado, utilizando-os apenas como forma de cativar. O estudo adotará uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas com voluntários, representantes de ONGs, especialistas, filósofos e professores, além de uma revisão bibliográfica fundamentada em obras que discutem o Ubuntu e sua aplicação na sociedade. O conceito de Ubuntu, traduzido como "Eu sou porque nós somos", enfatiza a coletividade e a solidariedade, sendo essencial para a compreensão das relações humanas em diversas culturas africanas. Autores como Mogobe Ramose e Desmond Tutu destacam sua importância na promoção da justiça social e no fortalecimento comunitário, enquanto experiências como as de Getrude Matshe exemplificam sua aplicação na vida cotidiana. No contexto sul-africano, o Ubuntu desempenhou um papel crucial na reconstrução do país após o apartheid, influenciando processos de reconciliação e inclusão social. No Brasil, essa filosofia tem sido aplicada em projetos sociais e educacionais, reforçando a necessidade de um olhar comunitário na resolução de problemas sociais, que podem ser usados como exemplos para sociedade.

Palavras-chave: Ubuntu; filosofia; solidariedade; comunicação.

ABSTRACT

The research that underpins this Final Course Project has an exploratory nature and aims to understand the Ubuntu philosophy, its impact on people's lives, and its influence on associations connected to this concept. To achieve this, the study will analyze the motivations and impacts of this philosophy in the social context, considering its principle of interdependence. Additionally, it will explore the history of African philosophy in Brazil, its historical erasure, and the appropriation of its terms by individuals and groups who, often, are unaware of their true meaning, using them merely as a means of appeal. The study will adopt a qualitative approach, based on interviews with volunteers, NGO representatives, experts, philosophers, and professors, as well as a bibliographic review grounded in works that discuss Ubuntu and its application in society. The concept of Ubuntu, translated as "I am because we are," emphasizes collectivity and solidarity, being essential for understanding human relationships in various African cultures. Authors such as Mogobe Ramose and Desmond Tutu highlight its importance in promoting social justice and strengthening communities, while experiences like those of Getrude Matshe exemplify its application in daily life. In the South African context, Ubuntu played a crucial role in the country's reconstruction after apartheid, influencing reconciliation and social inclusion processes. In Brazil, this philosophy has been applied in social and educational projects, reinforcing the need for a communal perspective in addressing social issues that can be used as examples for society.

Keywords: Ubuntu; philosophy; solidarity; communication.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de Custos	57
Tabela 2 - Cronograma	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos povos Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu	14
Figura 2 - Identidade Visual	39
Figura 3 - Logo com o fundo.....	39
Figura 4 - Fundo de tela.....	40
Figura 5- Logo.....	40
Figura 6- Mapa da cidade de São Paulo	41
Figura 7 - Nelson Mandela e Desmond Tutu.....	42
Figura 8 - Paulo Freire.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EU, JORNALISTA	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 O que é Ubuntu?	13
3.1.1 <i>De onde vem esse conceito?</i>	15
3.1.2 <i>Por que “Ubuntu” foi relevante na África do Sul?</i>	16
3.1.3 <i>Nelson Mandela e Ubuntu</i>	17
3.1.4 <i>Desmond Tutu e Ubuntu</i>	18
3.1.6 <i>Como a filosofia aparece no Brasil.....</i>	19
3.1.7 <i>Ubuntu e direitos sociais</i>	20
3.2 Cultura Africana no Brasil	21
3.2.1 <i>Apagamento cultural.....</i>	22
3.2.2 <i>Apropriação cultural.....</i>	24
3.2.3 <i>A filosofia Ubuntu e o Estatuto da Igualdade Racial</i>	26
3.3 O que é o Voluntariado?.....	27
3.3.1 <i>A origem do Voluntariado</i>	28
3.3.2 <i>A relação entre o Ubuntu e o voluntariado</i>	29
3.4 Modalidade.....	30
3.4.1 <i>Grande Reportagem</i>	31
3.4.2 <i>Reportagem online.....</i>	32
4 PROCESSOS METADÓLOGICOS	33
4.1 Fontes.....	34
5 RELATO DE ATIVIDADE.....	36
6 PRODUTO	38
6.1 Identidade visual.....	39
6.2 Explicação dos Subtítulos	44
6.3 Subtítulo “Reconhecimento das raízes por meio da cultura”.....	45
6.4 Subtítulo “A filosofia como forma de se autoconhecer”	45
6.5 Subtítulo “O impacto de transformar vidas por meio de ações”	45
6.6 Subtítulo “Educação como forma de oportunidade”	45
6.7 Subtítulo “A necessidade do coletivo”	46
6.8 Subtítulo “Informação de forma lúdica e didática”	46
6.9 Subtítulo “Ubuntu vai além da frase”	46

6.10 Matéria completa “Ubuntu: a real força do coletivo para mudar realidades”.....	47
7 PÚBLICO.....	55
8 TABELA DE CUSTOS.....	57
9 CRONOGRAMA.....	58
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – LINK DE ACESSO A GRANDE REPORTAGEM.....	67
APÊNDICE B – FICHAS DE ORIENTAÇÃO MENSAL.....	68
APÊNDICE C – FICHAS DE AUTORIZAÇÃO.....	75
ANEXO A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

A filosofia africana “Ubuntu” carrega uma mensagem sobre a interdependência humana e o valor da comunidade. O conceito, expressa na em sua definição a frase “Eu sou porque nós somos”, que destaca como as pessoas constroem o bem a partir das relações e da ajuda dentro da sociedade. Essa perspectiva sugere que a solidariedade e a comunidade são manifestações diretas do pertencimento e do desejo de impactar positivamente a vida de outras pessoas.

Este trabalho propõe-se a investigar a história da filosofia “Ubuntu”, analisando como seus princípios influenciam a decisão de engajar-se em projetos pessoais, voluntariado e na vida cotidiana. Além disso, busca compreender de que maneira essa filosofia contribui para que as pessoas se sintam parte de uma comunidade maior. O voluntariado, frequentemente é associado a um ato altruísta, também pode ser motivado por questões mais subjetivas, como a busca por significado, empatia e necessidade de pertencimento. No entanto, é essencial diferenciar quando a filosofia é realmente aplicada em sua essência ou quando é utilizada de maneira superficial, apenas como um recurso retórico para causar impacto, sem a devida consciência sobre sua história e importância.

Dessa forma, outro objetivo do estudo é entender alguns percursos dessa filosofia, com maior foco em sua influência no Brasil e na apropriação cultural de seus termos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a influência da filosofia Ubuntu nas decisões das pessoas e compreender como essa visão comunitária se reflete no sentimento de pertencimento social. Entre os objetivos específicos, pretende-se identificar instituições, iniciativas e indivíduos que atuam sob os valores alinhados ao Ubuntu, examinar suas práticas e impactos na comunidade e investigar as motivações que levam as pessoas a se envolverem com tais iniciativas. Além disso, o estudo criar o debate sobre o apagamento cultural e a apropriação indevida de termos africanos.

A inspiração para este projeto surgiu a partir de experiências com trabalhos voluntários desde o ensino médio, incluindo participações no “Um Sorriso a Mais”, na Hamburgada do Bem e no Bem da Madrugada. Essas vivências me proporcionaram uma compreensão mais profunda sobre a relevância das ações comunitárias e a forma como elas impactam tanto os beneficiários quanto os voluntários. A descoberta da filosofia Ubuntu durante essas atividades me mostrou a ideia de que a interconexão humana é um fator essencial para o desenvolvimento social e individual.

A discussão também será sustentada por estudos acadêmicos sobre voluntariado e política social. Cunha (2010) argumenta que o voluntariado contemporâneo é influenciado por

um sentimento de desconforto frente às desigualdades sociais e reflete, em parte, uma resposta à ineficiência do Estado na promoção do bem-estar coletivo. Essa perspectiva dialoga com a ideia de Ubuntu, que propõe que uma pessoa só alcança sua plenitude através da humanização do outro (Ramose, 1999). Nessa linha, o trabalho buscará compreender se a motivação para o voluntariado é apenas um reflexo de uma sociedade que busca suprir lacunas deixadas pelo Estado ou se há um impulso genuíno de conexão e solidariedade humana.

A importância deste estudo se dá pelo fato de que, apesar de ser amplamente reconhecido como uma prática altruísta, o voluntariado também é um fenômeno complexo, influenciado por aspectos psicológicos, sociais e culturais. Compreender os motivos e os impactos dessa prática pode contribuir para o fortalecimento de iniciativas comunitárias e para a construção de uma sociedade mais colaborativa e solidária.

O estudo resultará em uma matéria online, que terá além do texto, permitirá ter arquivos como entrevistas em vídeo, mini podcasts, registros fotográficos e em vídeos, com o intuito de proporcionar uma visão abrangente e acessível sobre o tema. Espera-se que os achados desta pesquisa possam servir de base para novas discussões sobre o impacto do Ubuntu no voluntariado e sua relevância na construção de comunidades mais unidas e engajadas.

A pesquisa terá como base um referencial teórico fundamentado na literatura sobre Ubuntu e sua relação com o engajamento social. Será realizada uma revisão bibliográfica exploratória para compreender de que forma os princípios de interdependência e colaboração são aplicados, promovendo impactos positivos nas comunidades. Além disso, a reportagem contará com entrevistas com jornalistas, voluntários, filósofos, professores e representantes de instituições que serão usados tanto como personagens para a matéria, mas também como fontes para analisar como esses valores são percebidos e vivenciados.

2 EU, JORNALISTA

Meu nome é João Vítor Trindade, tenho 22 anos e sou estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Paraíba. Nasci e fui criado na região norte de São José dos Campos, convivendo tanto com meus avós paternos quanto maternos.

Desde pequeno sempre amei a comunicação. Ficava encantado assistindo televisão, passava horas em canais do YouTube de história e, mais tarde, me apaixonei pela fotografia após participar de um curso oferecido pela Prefeitura chamado Lente e Ação. O Jornalismo, no entanto, entrou na minha vida como uma surpresa. Eu era um pouco relutante, pois acreditava que não escrevia bem. No meu primeiro dia de aula perguntei à professora Elizabeth: “Será que um dia vou aprender a escrever como jornalista?” Ela me respondeu: “Claro, João.” Essa frase me deu muita esperança.

Antes disso, cursei Publicidade e Propaganda e Engenharia Cartográfica e de Agrimensura, mas estava descreditado de que encontraria uma área que combinasse com meu perfil. Seguindo minha intuição, pesquisei os cursos disponíveis na Univap, a universidade mais próxima da minha casa, e decidi apostar nessa nova jornada.

Aos poucos, fui me encontrando e me apaixonei pela profissão que escolhi. Descobri que poderia trabalhar com jornalismo cultural, que sempre foi a minha verdadeira paixão. Contar histórias, cobrir eventos importantes, shows, o universo cultural e, principalmente, as pautas sociais tornaram-se uma das formas mais genuínas de me expressar.

A partir daí, pude viver muitas experiências em estágios que realizei na RecordTV, TVTH+, SBT, jornal O Vale e no blog Conexão Pop. Tive a oportunidade de ajudar na cobertura de casos marcantes, como a tragédia de São Sebastião, além da morte de grandes celebridades como Silvio Santos e Pelé. Também participei da cobertura de festivais como The Town e Lollapalooza, além de produzir pautas sensíveis, que inclusive, foram um dos principais motivos da escolha do tema do meu TCC.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O que é Ubuntu?

“Ubuntu” é uma antiga filosofia africana que é usada para entender as relações entre as pessoas e a sociedade em muitas culturas africanas. A frase Ubuntu para descrever a filosofia pode variar em diversas traduções, mas no geral o significado é: ‘Eu sou porque você é.’ Uma simples explicação que envolve a visão de mundo de uma humanidade compartilhada, onde um não pode existir sem o outro, e onde o a pessoa tem grande importância nela (Tutu, 1999; Mbiti, 1969; Ramphele, 2008).

Uma das principais expoentes da filosofia é Getrude Matshe (Ubuntu, 2024), que teve papel crucial para difusão e na comunicação da filosofia Ubuntu para um público mais amplo globalmente através de suas apresentações, incluindo palestras TED Talks, onde compartilhava uma visão pessoal sobre o tema.

A palestrante nascida no Zimbábue, escreveu sobre sua experiência com a filosofia, explicando como em muitas áreas da África, mesmo quando as pessoas careciam de recursos materiais, a comunidade não vivia sob um sentido de privação. Na verdade, a noção de que ajudar os outros sem a expectativa de recompensa pessoal era uma responsabilidade compartilhada por todos.

Matshe disse em entrevista à BBC News que isso a lembrava de sua avó, que, mesmo tendo poucas posses materiais, oferecia tudo o que pudesse a qualquer pessoa necessitada, sabendo que para ela ajudar o próximo significa ajuda a si próprio “o que não é uma coisa egoísta”. Isso, a noção de Ubuntu, ela está acima do egoísmo e é focada no equilíbrio e no bem comum (Ubuntu, 2024), é a visão de interdependência dos seres humanos com a qual estamos lidando.

Mogobe Ramose, filósofo sul-africano, em seu livro "An African Perspective on Justice and Race" (1999), também fala sobre suas perspectivas sobre o significado de Ubuntu ao traçar sua origem.

Segundo Ramose, a palavra Ubuntu é uma junção das palavras "ubu" e "ntu", em que "ubu" refere-se à ideia de "ser" em um contexto maior quanto no geral (em oposição a manifestações particulares/formas particulares de existir). Ele argumenta que só podemos preservar o sentimento humano reconhecendo nossa dependência. O potencial humano é perdido quando outros são desumanizados. Por essa razão, a prática Ubuntu pode ser

considerada uma forma de resistir à fragmentação social e à alienação individual (Ramose, 1999).

Nogueira (2012) também fala sobre a filosofia como uma forma de ser, uma filosofia que promove viver, um estilo de vida em que o antirracismo e a comunidade coexistem com base na inclusão, gentileza e colaboração.

Muitas outras comunidades étnicas em toda a África, mais notadamente os povos Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu, também adotaram a filosofia Ubuntu, escrevendo a palavra dela em suas línguas e pronunciando-a de forma semelhante.

Figura 1 - Mapa dos povos Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu



Fonte: O que é...Bantos (2025).

Um provérbio Kikuyu que diz, em inglês, "a ganância não alimenta," uma das dimensões centrais de Ubuntu: que a verdadeira qualidade de um indivíduo nesse contexto não é que bens materiais alguém acumula para si, mas sim sua capacidade de compartilhar com outros.

A ética Ubuntu enfatiza que a generosidade significa algo mais permanente do que uma doação única; ela requer colaboração contínua e a criação de relacionamentos que beneficiem todas as partes envolvidas, construindo uma rede onde os benefícios são constantemente distribuídos (Vasconcelos, 2017).

Colocando na prática a teoria se torna real nas ações cotidianas das pessoas, e se manifesta ao tentar se aproximar de Ubuntu de acordo com a afirmação (Nascimento, 2014). Durante uma viagem à África do Sul, junto com a comunidade Zulu, o autor tenta uma corrida

com as crianças que, ao contrário de uma corrida competitiva, chegam juntas à linha de chegada. Quando perguntado sobre essa atitude, uma criança respondeu: "É Ubuntu senhor, somos cada um de nós, porque nós fazemos e fazemos tudo juntos".

Este exemplo expõe o espírito de Ubuntu: ação conjunta e a noção de que a realização de cada ser humano individual está intimamente ligada à realização dos outros (Nascimento, 2014).

O Arcebispo anglicano sul-africano, Desmond Tutu, um dos mais importantes líderes morais e religiosos do século XX. Nascido em 1931, em Klerksdorp, na África do Sul, destacou-se por sua firme atuação contra o regime do apartheid. Em 1984, recebeu o Prêmio Nobel da Paz por seu papel na luta pacífica contra a segregação racial, tornando-se um símbolo global da reconciliação e da justiça social. Após o fim do apartheid, presidiu a Comissão de Verdade e Reconciliação, criada para promover o perdão e restaurar o tecido social sul-africano por meio do reconhecimento das dores do passado; ele explica assim: "Ubuntu é a essência de ser uma pessoa."

Para Tutu, essa filosofia é a base da interdependência humana, e ele enfatiza que "não podemos ser plenamente humanos sozinhos". Essa visão nos desafia a pensar sobre como, em um mundo globalizado, trabalhar juntos e ter uma atitude empática são essenciais para construir uma sociedade mais equitativa e justa (Tutu, 1999).

3.1.1 De onde vem esse conceito?

Como citado acima, a filosofia Ubuntu se origina dos povos Bantu, que é um grupo étnico na África Subsaariana. Esse grupo constituiu a vasta maioria dos escravizados enviados para o Brasil e é um termo-chave para compreender a ética e os valores da sociedade africana, especialmente no contexto sul-africano (Mbiti, 1969). Ubuntu também pode ser entendido como a expressão em Nguni Bantu que significa 'humanidade para com os outros' e, em termos mais amplos, 'humanidade para os outros'. Diz-se que é a essência que conecta as pessoas umas às outras, enfatizando a coletividade. O termo é derivado de uma filosofia que faz da harmonia social e do bem-estar coletivo a base de como os humanos interagem uns com os outros (Tutu, 1999; Ramphela, 2008).

Segundo Nabudere (2005), a filosofia Bantu, por exemplo, sustenta a filosofia de vida e os sistemas de crenças entre os povos africanos, com a filosofia baseada nas experiências do

dia a dia das pessoas envolvidas na luta pela sobrevivência e na construção de uma sociedade humana justa.

Assim, a filosofia Ubuntu foi e é um componente principal na resolução de conflitos e disputas na África, sendo um pilar significativo para os processos de reconciliação e paz, particularmente após a violência e opressão, como as vistas na África do Sul. O conceito foi revivido na África do Sul como um modelo para a reconstrução social pós-apartheid e é fundamental para a promoção da democracia e dos direitos humanos no país que ficou marcado pós-apartheid.

Baseando-se no enfoque da filosofia Ubuntu na interdependência e solidariedade, Dju e Muraro (2022) argumentam como a filosofia Ubuntu como ele tem importância na democracia, que no contexto africano é vista como uma forma de construção social que reconhece a coexistência pacífica e a inclusão de todos os membros da sociedade.

3.1.2 Por que “Ubuntu” foi relevante na África do Sul?

A filosofia de Ubuntu, desenvolvida entre os povos Bantu, foi um ponto importante na reconstrução social e política da África do Sul após o apartheid. Segundo Broodryk (2007), o conceito de Ubuntu se reflete na maneira como as comunidades tomam decisões de forma coletiva.

Ele destaca que, no processo de comunicação, podendo haver uma hierarquia de importância entre os falantes, mas cada pessoa tem uma oportunidade justa de se expressar até que um acordo ou consenso seja alcançado, ou até que a coesão do grupo seja atingida (Broodryk, 2007).

A essência dessa crença, pode ser capturada em palavras como Simunye (“somos um”) e slogans como “um ferido é um ferimento para todos”, é o valor da coletividade no pensamento africano.

Dessa forma, após quase 50 anos de apartheid racial na África do Sul, o processo de construção da nação não apenas exigiu a busca de um motivo comum, mas também valorizou a maneira como o conceito de Ubuntu poderia literalmente unir os sul-africanos em uma unidade que não a reduzisse. Como apontado por um estudo publicado no portal Geledés,

O processo de construção da África do Sul no pós-apartheid exigia igualdade universal, respeito pelos direitos humanos, valores e diferenças. Desta forma, a ideia de ubuntu estava diretamente ligada à história da luta contra o regime que excluía a cidadania e os direitos dos negros (Portal Geledés, 2016).

Ubuntu não foi relevante apenas na África do Sul; ele chegou ao país vizinho Zimbábue, na grande repressão histórica e transição política para o poder político da maioria negra.

A luta pela dignidade africana foi refletida no pensamento de muitos líderes africanos pós-coloniais antes desses períodos de mudança política, como Megacurioso (2021) cita, “Eles estariam mais próximos de uma redescoberta da consciência dos seus povos muito depois de os mesmos colonizadores terem partido de toda a África”.

Além do impacto da reconstrução política e social, também houve um aprendizado para estudar a filosofia Ubuntu em diferentes áreas do conhecimento, incluindo a educação. De fato, como Dju e Muraro afirmam:

Ubuntu se tornou foco de estudo de várias ciências, incluindo a educação, desde a década de 1990, justamente por ele ter sido acionado pelos sul-africanos no resgate da humanização diante da política de apartheid (aplicada na África do Sul, de 1948 a 1994), Dju e Muraro (2022, p. 241).

3.1.3 Nelson Mandela e Ubuntu

Nelson Mandela (1918-2013), foi e é um dos maiores líderes políticos e sociais do século XX, associado até hoje à filosofia Ubuntu. Não apenas como um conceito que ele adotou em sua luta contra o apartheid durante o período, mas como uma filosofia de vida que moldou suas ações políticas, pessoais e espirituais. Mandela utiliza o Ubuntu como um pilar para a reconciliação nacional, especialmente após décadas de resistência ao regime segregacionista da África do Sul.

Em seu livro *O Longo Caminho para a Liberdade* (Mandela, 1995), Mandela reflete sobre a importância do Ubuntu para sua própria trajetória de vida e liderança. O conceito de Ubuntu, para ele, está intimamente ligado à interdependência humana, como ele descreve: “Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”

Mandela, ao invés de buscar vingança, procurou construir uma nova África do Sul baseada na união, no perdão e no respeito pela dignidade humana. Em uma entrevista para Tim Modise em 2006, ele afirmou que o conceito de Ubuntu está em oposição à busca pelo bem-estar exclusivamente individual; ele sugere que a verdadeira felicidade só é possível quando se busca o bem-estar coletivo. Essa visão ajudou a estabelecer a política de reconciliação pós-apartheid, que buscava unir uma sociedade devastada pela segregação racial através do perdão e da construção de uma nova identidade nacional, onde todos se reconhecessem como parte de um mesmo todo (Instituto Padre António Vieira, 2010).

3.1.4 Desmond Tutu e Ubuntu

Outro importante defensor do Ubuntu foi Desmond Tutu (1931-2021), arcebispo anglicano e ativista sul-africano, um dos principais lutadores contra o regime do apartheid e da reconciliação social da África do Sul. Tutu não apenas adotou a filosofia Ubuntu, mas também a incorporou de maneira prática em suas ações políticas e espirituais.

Em seu livro *O Livro do Perdão*, Tutu argumenta que o perdão, na tradição de Ubuntu, não significa esquecer o mal que foi feito, mas sim reconhecê-lo e trabalhar para restaurar a dignidade tanto das vítimas quanto dos agressores (Tutu; Tutu, 2011). O conceito de perdão não está ligado à ideia de esquecer, mas à busca por reparação e à criação de condições para a verdadeira melhora social. Ao conectar Ubuntu ao cristianismo, Tutu foi capaz de criar uma visão moral que buscava não apenas a paz, mas também a justiça, a restauração da dignidade e o respeito.

Tutu usou o conceito de Ubuntu para promover o diálogo e a reconciliação durante o processo de reconciliação pós-apartheid, afirmando que “não podemos ser nós mesmos sem os outros” (Tutu; Tutu, 2011). Esse princípio foi fundamental para o trabalho da Comissão de Verdade e Reconciliação, que buscou restaurar todos os problemas deixados pelo apartheid por meio do testemunho e do perdão.

3.1.5 Outros pensadores da Filosofia Ubuntu

Embora os nomes já citados como Nelson Mandela e Desmond Tutu sejam mundialmente reconhecidos por difundirem a filosofia Ubuntu em suas práticas políticas e filosóficas, outros pensadores também tiveram papel fundamental no aprofundamento desse conceito, tanto no campo filosófico quanto social e político.

Entre eles, destaca-se Michael Onyebuchi Eze, que, em *Intellectual History in Contemporary South Africa* (2010), defende o Ubuntu não apenas como uma filosofia moral, mas também como um fundamento para a construção da identidade africana e da política contemporânea. Já Augustine Shutte, em *Philosophy for Africa* (1993), explora o Ubuntu como uma ética comunitária, ressaltando sua centralidade para repensar valores humanos em sociedades marcadas por desigualdades.

Outro autor relevante é Thaddeus Metz, filósofo não africano, mas muito respeitado, que em seu artigo *Ubuntu as a Moral Theory and Human Rights in South Africa* (2007) propõe

o Ubuntu como uma alternativa teórica às tradições ocidentais do kantismo e do utilitarismo, destacando sua aplicabilidade em debates de direitos humanos.

No campo teológico, Michael Battle, em *Reconciliation: The Ubuntu Theology of Desmond Tutu* (1997), reforça a conexão entre Ubuntu e reconciliação, enfatizando sua relevância social na luta contra o apartheid. Por fim, James Ogude, em *Ubuntu and the Reconstitution of Community* (2019), analisa o Ubuntu em chave contemporânea, apresentando-o como resistência à lógica individualista do neoliberalismo e como proposta de reconstrução comunitária.

Assim, observa-se que o Ubuntu é uma filosofia plural, que ultrapassa fronteiras nacionais e disciplinares, articulando-se como ética, política, teologia e prática comunitária, mantendo-se atual e necessária para pensar alternativas de convivência solidária.

3.1.6 Como a filosofia aparece no Brasil

O pensamento Ubuntu pode ser relacionado com o pensamento de Paulo Freire, já que a humanização para ele, está ligada com a ética da libertação e solidariedade. De fato, como Freire (1996, p. 43) argumentou, “somente aqueles que trabalham sob o risco de perder sua humanidade são verdadeiramente humanizados”. Devido à falta desse princípio, Freire (1996) argumenta que as pessoas são oprimidas e desumanizadas

No Brasil, um país onde essa filosofia também foi aplicada a várias iniciativas sociais, educacionais e comunitárias, sua extensão chega amplamente disseminada pelos países africanos. A filosofia inspirou projetos para abordar as desigualdades sociais e para promover a dignidade humana.

Um exemplo foi de estudiosos brasileiros que enfatizaram a relevância dos princípios do Ubuntu no enfrentamento da crise da Covid-19. A convite do filósofo e autor japonês Dōgen para ‘esquecer tudo e ir tomar uma xícara de chá’ em tempos de dificuldade inspirou um debate publicado na edição do Lançamento Regional de Saúde - Américas por pesquisadores da Fiocruz, UFRJ, UFG e USP sobre a necessidade de solidariedade e cooperação globais na luta contra crises de saúde (Fiocruz, 2021).

Na entrevista concedida à jornalista Laura Portuga, no programa conexões, em sua fala o dr. Wilson Savino, imunologista, explica que:

[...] a desigualdade, em última instância, enfraquece os países que são menos capazes de lidar com o problema, mas também prejudica aqueles que estão em

melhor posição, já que enquanto o vírus circula, ele muda e gera novas variantes (Portugal, 2021).

Mostrando que políticas públicas para enfrentar as desigualdades de saúde globais devem ser guiadas pelo “Ubuntu”. Além disso muitas organizações no Brasil basearam suas ações sociais na filosofia. Um exemplo desse trabalho é a ONG Hamburgada do Bem, que promove a integração social entre voluntários e crianças de comunidades carentes. Fundada em 2015, a organização já atendeu quase 200.000 crianças em seis países, incluindo mais de 80.000 voluntários. Nesse caso Ubuntu aparece, no local de reconhecer a felicidade do outro; nas palavras da empresa “o hambúrguer é a desculpa que usamos para levar amor, diversão, cuidado e informação para crianças de comunidades carentes”.

Um outro exemplo é a Fraternidade sem Fronteiras (2025), que introduziu a Nação Ubuntu no Malawi, adjacente a um campo de refugiados. O projeto Brasileiro apoia educação, alimentação e geração de renda para mais de 56.000 refugiados e malawianos em condições vulneráveis. Além disso, são criadas oficinas de agrofloresta, costura e produção de sabão que contribuem para a autonomia econômica dos participantes.

3.1.7 Ubuntu e direitos sociais

Uma crítica importante ao modelo de direitos humanos é criada quando se relaciona a filosofia Ubuntu e os direitos sociais, que frequentemente ignora as realidades culturais e sociais das comunidades não ocidentais. A filosofia Ubuntu, como já foi citado, se baseia na coletividade, e desafia a visão individualista presente nos direitos humanos tradicionais. Para Ubuntu, a dignidade humana não pode ser vista de forma isolada, mas sim como parte de uma rede de relações comunitárias.

Em sua análise crítica das declarações de direitos humanos, Kashindi (2019) aponta como essas abordagens tendem a excluir as populações que não se encaixam no modelo burguês ocidental de ser humano, o que implica na seletividade da aplicação dos direitos sociais. O autor Quijano (2007), observa que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, apesar de sua natureza moral e inspiradora, não conseguiu integrar as diferentes formas de vida e identidades que não se alinham com a visão ocidental dominante, sendo frequentemente negligente para com as vítimas que não pertencem ao “padrão ideal” de ser humano.

Dentro dessa crítica, o Ubuntu propõe uma visão que se fundamenta na dignidade humana como uma construção relacional e comunitária. Essa perspectiva é compartilhada por diversos pensadores que defendem a ideia de que a verdadeira humanidade só pode ser

entendida quando se leva em consideração a união entre os seres humanos e os outros seres do mundo. Para Bujo (2009), a vida é relacional e depende da colaboração entre as pessoas, a natureza e os ancestrais. No pensamento Ubuntu, a solidariedade com os outros e com o meio ambiente não é opcional, mas fundamental para a realização plena do ser humano.

Ao contrário das abordagens ocidentais, que tratam os direitos sociais como garantias individuais, Ubuntu os entende como algo que deve ser compartilhado entre todos, refletindo a filosofia do “nós” em vez do “eu”. Isso implica que os direitos sociais devem ser garantidos de maneira que todos na comunidade se beneficiem igualmente, sem discriminação ou exclusão. Como mencionado por Pereira, Santiago e Souza (2018), o conceito de Ubuntu no Brasil e em outras diásporas africanas reflete essa visão comunitária, onde a ética de cuidado e solidariedade é central para o bem-estar de todos, especialmente das crianças, e é um valor fundamental que é transmitido entre as gerações.

Nesse contexto, a educação e a formação social também são vistas sob a ótica do Ubuntu, que coloca a interdependência e a coletividade nas práticas pedagógicas. A filosofia Ubuntu é uma ferramenta importante para repensar a formação dos assistentes sociais, integrando saberes indígenas e comunitários e reconhecendo o papel crucial da solidariedade social na construção de uma sociedade mais justa.

3.2 Cultura Africana no Brasil

A presença africana no Brasil se manifesta de forma expressiva na cultura, religião, língua, gastronomia, música e outras manifestações artísticas. Desde a chegada dos primeiros africanos ao Brasil, a influência do povo foi incorporada à identidade nacional, criando um o povo multifacetado.

A religião é um dos aspectos mais marcantes da influência africana no Brasil. O sincretismo religioso permitiu a fusão de elementos do catolicismo com as crenças africanas, formando práticas que perduram até os dias atuais.

De acordo com Bastide (1971), o catolicismo popular brasileiro absorveu elementos de religiões africanas, o que pode ser observado na associação de figuras como Nossa Senhora do Rosário com Oxum e Santa Bárbara com Iansã.

O culto a Iemanjá é outro exemplo significativo dessa fusão, onde a figura cristã da Virgem Maria se confunde com a orixá africana, simbolizando a mãe protetora das águas (Verger, 1999). O maracatu, uma expressão artística com fortes traços africanos, também tem uma dimensão religiosa, remetendo às coroações dos reis do Congo no Brasil colonial.

De acordo com Carneiro (1956), essa manifestação cultural não só representa uma forma de resistência, mas também funciona como uma estratégia para preservar a memória e os valores africanos no Brasil.

Sendo isso um exemplo de como os africanos conseguiram preservar suas tradições mesmo em um contexto de imposição cultural europeia. A contribuição africana na língua portuguesa falada no Brasil se manifesta em diversas palavras e expressões do vocabulário cotidiano. Termos como "axé", "moleque", "cafuné" e "senzala" têm origem em línguas africanas, especialmente do tronco banto.

Segundo Castro (2005), ao se tratar da Língua Portuguesa no Brasil, é possível perceber que ela foi estruturada por meio do contato com outras línguas, sendo mais adequado afirmar que possui raízes profundas nas línguas indígenas e africanas.

Muitas expressões populares derivam de práticas culturais africanas, como "fazer figa", um gesto de proteção com raízes nas crenças afro-brasileiras. Além do vocabulário, a entonação e a musicalidade da fala brasileira também foram influenciadas pelos idiomas africanos. A influência africana na música brasileira é inegável e pode ser vista em gêneros como o samba, o maracatu, o jongo e a capoeira. O samba, considerado um dos símbolos da identidade brasileira, tem raízes profundas nos ritmos africanos trazidos pelos escravizados.

A capoeira, que combina dança, luta e musicalidade, é uma herança africana que se consolidou como um dos elementos culturais mais representativos do Brasil. Assunção (2005) afirma que a capoeira não se limitava a ser um instrumento de defesa, mas também desempenhava um papel importante como forma de resistência cultural dos africanos escravizados no Brasil. Hoje, a prática da capoeira é reconhecida mundialmente como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

3.2.1 Apagamento cultural

Historicamente, a cultura africana e seus descendentes passaram por um processo contínuo de desvalorização no Brasil, resultante da imposição de uma visão eurocêntrica do conhecimento, o que levou à marginalização e discriminação dos saberes africanos e afro-brasileiros. Esses saberes, muitas vezes, foram desconsiderados como contribuições relevantes para o desenvolvimento humano. Munanga (2002) aponta que o racismo e a discriminação foram fundamentais para desqualificar os povos africanos e suas culturas, justificando assim a sua subjugação.

Essa perspectiva distorcida levou à negação da riqueza histórica e cultural das civilizações africanas, cujas contribuições, frequentemente, foram reduzidas a estereótipos. O conceito de colonialidade do saber, formulado por Aníbal Quijano (2005), descreve como o

conhecimento foi estruturado de forma hierárquica, priorizando os saberes ocidentais em detrimento de outras formas de conhecimento. De acordo com esse conceito, os conhecimentos africanos foram silenciados como parte do processo de fortalecimento da dominação colonial, excluindo narrativas que não se alinhavam à visão eurocêntrica. Quijano (2005) argumenta que a dominação colonial não se limitou apenas ao aspecto econômico, mas também se estendeu à produção do conhecimento, determinando o que seria ou não considerado ciência. Esse sistema de poder foi essencial para garantir que as culturas colonizadas, incluindo a africana, não se submissem apenas economicamente, mas também intelectualmente, apagando suas formas próprias de saber.

Conforme destacou Munanga (2002), a situação colonial expressa uma relação desigual entre colonizadores e colonizados, criando antagonismos sociais e culturais. Nesse contexto, a contribuição africana foi frequentemente rotulada como primitiva ou exótica, desconsiderando a tamanha riqueza da cultura das civilizações africanas. A cultura africana, em seus diversos matizes, foi vista como uma ameaça ao sistema colonial, e seu apagamento tornou-se parte fundamental desse processo de dominação.

Como destaca Nogueira (2012), o apagamento da história africana no Brasil é um processo contínuo que se manifesta nas estruturas sociais, políticas e educacionais. Esse processo de marginalização constante contribuiu para a construção de um imaginário coletivo que desvalorizava as contribuições africanas para o desenvolvimento global, tornando invisíveis as potências culturais e intelectuais dos povos africanos.

A educação brasileira reflete esse apagamento cultural ao apresentar de maneira fragmentada a história da África e de seus descendentes. Gomes (2012) observa que, por muito tempo, os currículos escolares reforçaram estereótipos e minimizaram a importância das contribuições africanas, limitando o conhecimento do público brasileiro sobre a verdadeira história do continente africano e seus legados.

Por exemplo, a história do Brasil é frequentemente contada a partir de uma perspectiva que ignora as formas de resistência cultural e intelectual dos negros africanos e afro-brasileiros, desconsiderando as formas de organização social, religiosa e política que esses grupos estabeleceram ao longo do tempo.

A exclusão das contribuições africanas no campo acadêmico e cultural também foi amplificada por práticas sociais discriminatórias. O racismo científico, amplamente difundido no Brasil durante os séculos XIX e XX, reforçou a ideia de que as culturas africanas eram inferiores e incapazes de produzir conhecimento ou arte de relevância. De acordo com Fadigas (2015), o racismo científico desempenhou e continua desempenhando um papel significativo

na operação, no desenvolvimento e na concretização das escolhas curriculares. As ciências sociais e humanas, em grande parte, foram construídas com base em um paradigma que não reconhecia a pluralidade de saberes e culturas, exacerbando a alienação dos descendentes de africanos dentro da sociedade brasileira.

Nos dias de hoje, embora a luta contra o racismo tenha conquistado avanços significativos, a marginalização de culturas afro-brasileiras continua a ser um desafio. Apesar da persistência das estruturas de exclusão, as manifestações culturais afro-brasileiras, como o samba, o candomblé e a capoeira, entre outras, continuam a ser um exemplo de resistência ao apagamento cultural. Essas práticas se mantêm vivas, oferecendo uma narrativa contrária ao discurso dominante que busca invisibilizar as contribuições africanas. Além disso, a valorização das culturas africanas não deve se restringir ao campo acadêmico. O fortalecimento da identidade negra no Brasil também envolve o reconhecimento dos saberes ancestrais africanos em espaços públicos, políticos e educacionais.

O estudo da filosofia africana, das religiões afro-brasileiras e das manifestações culturais deve ser visto como parte de um movimento mais amplo de reconhecimento e revalorização da contribuição africana na formação do Brasil moderno. Hountondji (1983), aponta a necessidade de se construir uma filosofia e ciência que reconheçam a riqueza cultural da África e ofereçam voz a uma epistemologia própria, dissociada do colonialismo que distorceu seu verdadeiro valor.

3.2.2 Apropriação cultural

A apropriação cultural vem sendo bastante debatido nos últimos tempos, especialmente no contexto das relações étnico-raciais e na dinâmica de poder entre culturas distintas. O conceito se refere ao uso ou adoção de elementos de uma cultura por pessoas ou grupos pertencentes a outra cultura, muitas vezes sem compreensão ou respeito pelo seu significado original (Young, 2005). A discussão sobre apropriação cultural está frequentemente ligada às relações coloniais e às desigualdades históricas, onde grupos dominantes se apropriam de práticas culturais de grupos marginalizados, ressignificando as ou comercializando-as sem o devido reconhecimento.

No campo da história, Roger Chartier (1990) entende a apropriação como um processo que pode envolver tanto resistência quanto adaptação à cultura dominante. Segundo o autor, "os usos, recriações e ressignificações de elementos culturais são atravessados por relações de poder e por dinâmicas de distinção social" (Chartier, 1990, p. 23).

Isso indica que a apropriação cultural não é um fenômeno isolado, mas um reflexo das ações entre pessoas e políticas que moldam a cultura ao longo do tempo. Pierre Bourdieu (1979), por sua vez, discute a ideia de capital simbólico e como ele está ligado às disputas por reconhecimento e reconhecimento de sua cultura.

Ele argumenta que "as lutas, cujo pretexto consiste em tudo o que, no mundo social, se refere à crença, ao crédito e ao descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento, dizem respeito forçosamente aos detentores 'distintos' e aos pretendentes 'pretensiosos'" (Bourdieu, 1979, p. 235).

Esse trecho ilustra como a apropriação de elementos culturais por grupos privilegiados pode levar à desvalorização ou à mercantilização das expressões culturais de grupos marginalizados. No contexto brasileiro, a apropriação cultural tem sido especialmente debatida no que se refere à cultura afro-brasileira e às práticas religiosas de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

A utilização de turbantes, bijuterias que simbolizam as joalherias de axé e expressões como “saravá” fora de seus contextos originais têm sido criticadas por lideranças religiosas e estudiosos do tema (Gomes, 2021). Para muitos, essas práticas desconsideram o histórico de perseguição e discriminação sofrido por essas religiões e transformam símbolos de resistência em meros adornos estilísticos.

Angela Davis (2016) também discute a importância de reconhecer e respeitar as contribuições culturais dos grupos historicamente oprimidos. Segundo ela, "a cultura negra não é um acessório a ser usado conforme a conveniência, mas sim um conjunto de expressões artísticas e sociais profundamente enraizadas na luta por liberdade e justiça" (Davis, 2016, p. 78).

Isso reforça a ideia de que a apropriação cultural não é apenas uma questão estética, mas também política e histórica. A crítica à apropriação cultural, no entanto, também gera contrapontos. Alguns argumentam que a mistura de influências culturais é um fenômeno natural e inevitável, especialmente em sociedades globalizadas (Appiah, 2007).

Para esses autores, a linha entre apropriação e troca cultural pode ser tranquila e comum. No entanto, é necessário citar que essa troca nem sempre ocorre em condições de igualdade, o que reforça as críticas sobre quem tem o direito de se beneficiar de determinadas expressões culturais.

3.2.3 A filosofia Ubuntu e o Estatuto da Igualdade Racial

A concepção dialoga da filosofia dialoga profundamente com os ideais do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), uma política pública que visa à promoção da igualdade de oportunidades e ao combate às desigualdades raciais históricas que marcam o Brasil (Brasil, 2010).

O Estatuto foi fruto de uma longa trajetória política, iniciada ainda no ano 2000 com o Projeto de Lei nº 3.198/2000, de autoria do então deputado Paulo Paim, e sancionada apenas em 2010, após intensa participação de movimentos sociais, em especial o Movimento Negro. Em seu artigo 1º, o Estatuto estabelece que sua finalidade é “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (Brasil, 2010).

Esse compromisso estatal remete à própria lógica da filosofia Ubuntu: a igualdade racial não é uma pauta apenas dos que sofrem com o racismo, mas de toda a sociedade. Afinal, segundo o Ubuntu, a dignidade de um só é a dignidade de todos, e a violação dos direitos de uma parte da população compromete a coletividade.

De acordo com o IBGE (2019), cerca de 56% da população brasileira é composta por pretos e pardos, o que evidencia a centralidade das políticas de promoção da igualdade racial no país (Capitulino, 2021). Entre os direitos fundamentais assegurados pelo Estatuto, destacam-se: o acesso igualitário à saúde, por meio da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra; a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica; a valorização das manifestações culturais negras; a proteção da liberdade religiosa, sobretudo de religiões de matriz africana; além de garantias relacionadas ao trabalho, moradia e participação na mídia (Brasil, 2010).

A criação do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SINAPIR) foi outro avanço trazido pela lei, pois permitiu a descentralização e articulação de políticas públicas em estados e municípios. Contudo, apesar da sua relevância, os dados mostram que a adesão ainda é limitada: até 2019, apenas 71 municípios haviam solicitado inclusão no sistema, revelando desafios de implementação (Capitulino, 2021).

Nesse sentido, a filosofia Ubuntu pode ser vista como um horizonte ético capaz de fortalecer a efetividade do Estatuto. Ao reforçar valores de interdependência, solidariedade e coletividade, o Ubuntu oferece uma base filosófica que legitima políticas de reparação e inclusão, sustentando a ideia de que a justiça social só pode ser alcançada quando todas as pessoas são reconhecidas em sua dignidade.

3.3 O que é o Voluntariado?

O voluntariado é o compromisso com causas sociais e está diretamente ligado à solidariedade. Szazi (2001) define voluntariado como "a conduta de pessoas que prestam serviços não onerosos na sociedade civil e em todas as áreas onde tal necessidade exista". O que complementa, a Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que estabelece que a atividade voluntária é caracterizada como:

Atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade (Brasil, 1998).

A relevância do voluntariado foi amplamente discutida quando, em 2001, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Ano Internacional do Voluntariado. Neste momento fortaleceu o debate sobre o papel da sociedade civil na resolução de problemas sociais globais e incentivou pesquisas sobre diferentes aspectos do voluntariado, como a motivação dos voluntários, o impacto da atividade na saúde mental e física, e as estratégias de gestão de grupos voluntários (Nogueira-Martins; Bersusa; Siqueira, 2010).

Em diversos países, como no Brasil, observa-se que o voluntariado é usado e estimulado como ferramenta para a democratização da participação social nos problemas sociais do estado. Além disso as mudanças estão também na concepção de políticas públicas e sociais, em que se destaca a importância da cooperação entre Estado e sociedade civil para garantir direitos fundamentais (Caldana; Figueiredo, 2008).

A solidariedade, por sua vez, possui um valor ético e social profundamente enraizado na filosofia política. Rousseau já argumentava que a solidariedade é a capacidade de manter a unidade entre as pessoas que formam uma coletividade (Selli; Garrafa, 2010). Kropotkin (2009) complementa essa ideia ao sugerir que a ajuda mútua é essencial para a evolução das espécies e que a capacidade de cooperação determina a sobrevivência de uma sociedade.

Nos anos 80 o voluntariado passou a ser uma estratégia fundamental para suprir buracos deixados pelas reformas estruturais, substituindo, em parte, as funções antes desempenhadas pelo poder público (Pereira, 2003). Netto (1999) descreve esse processo como "sabotagem das políticas sociais", uma vez que enfraquece as conquistas obtidas na Constituição Federal de 1988, especialmente nas áreas de educação, saúde e assistência social.

A prática voluntária é, portanto, um reflexo da solidariedade em ação. Segundo Bonotto (2016), "uma ética baseada na solidariedade, enraizada na cooperação e na qualidade do que é

produzido, vivido e pensado, deve ser a base para as práticas voluntárias". A construção de uma sociedade mais justa e equilibrada depende diretamente do fortalecimento dessas iniciativas, promovendo uma cultura de responsabilidade coletiva e engajamento social.

3.3.1 A origem do Voluntariado

A prática do voluntariado tem início e origem nos tempos antigos. De acordo com Hudson (1999), as práticas voluntárias surgiram em civilizações sociais, como a egípcia, que possuíam um código moral de justiça social superior que favorecia a passividade orientada para a ação. Na Grécia Antiga, era comum que as pessoas, tanto ricas quanto pobres, abrigassem e alimentassem viajantes. Caridade e o desenvolvimento do voluntariado foram uma pedra angular importante para estabelecer a dinâmica do voluntariado no mundo dos judeus e cristãos.

Como observa Kisnerman (1983), ajudar os necessitados era principalmente através da doação de esmolas e de encorajamento. Na fé cristã o conceito é reforçado pela concepção ao tornar a caridade sagrada. O mandamento do Novo Testamento de que devemos “Amar o próximo como a nós mesmos” (Mateus 22:39) reforça a ideia de que temos algo maior moral e religioso que a necessidade de ajudar os outros.

No período medieval, a Igreja Católica assumiu a responsabilidade pela caridade, estabelecendo fundações para cuidar dos doentes, órfãos e necessitados. O papel desempenhado por Vicente de Paulo no século XVI é um marco deste período; ele produziu algumas obras com ênfase em assistir os mais vulneráveis (Kisnerman, 1983).

Com a urbanização e estratificação da Revolução Industrial surgiram as primeiras associações voluntárias formais. No Reino Unido, a COS (The Charity Organisation Society of London) foi a primeira agência moderna de bem-estar social, formada por uma combinação de voluntários, originalmente criada em 1869. Seu objetivo era organizar mantimentos para os necessitados, evitando assim a dependência de bondades esporádicas (Hansan, 2013).

As guerras também moldaram o surgimento do voluntariado. reza a lenda que o francês Henri Dunant fundou o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (ICRC) após testemunhar os horrores da Batalha de Solferino, em 1863. Seu relato conta um quadro de miséria e sofrimento, onde os feridos de ambos os lados foram deixados para morrer no campo de batalha: “Por toda parte”, ele escreveu, “membros decepados, lascas de ossos, caixas de cartuchos, cavalos sem cavaleiros erravam entre os mortos, rostos distorcidos pelas convulsões da morte, homens feridos arrastando-se para poças de sangue para saciar a sede” (Ignatieff, 1998).

No Brasil ele surgiu com mais força no século XIX, com a igreja católica e as famílias ricas trabalhando em conjunto com os mais pobres da sociedade. O Instituto Brasileiro de Voluntariado (2017) menciona que esse período produziu um voluntariado de caráter paternalista e moralizador. Agora, evoluiu para uma base mais ampla, profissional, permitindo que as pessoas façam financiamentos para saúde, educação e assistência social (Naccache; Carmo; Souza; [2022]).

A atividade voluntária orgânica, segundo Selli e Garrafa (2000), representa um espaço característico, produzido por pessoas que, motivadas pela solidariedade crítica, trabalham pelo desenvolvimento humano e pela justiça na sociedade. Segundo os próprios autores: a solidariedade deve ser o valor que orienta a ética da responsabilidade (Selli; Garrafa, 2000). Essa dinâmica do trabalho voluntário passou por mudanças profundas, graças, entre outras coisas, à evolução das práticas sociais e à busca crescente por ações mais estruturadas e sistemas para combater as desigualdades.

3.3.2 A relação entre o Ubuntu e o voluntariado

O contexto de voluntariado na filosofia Ubuntu, especialmente no voluntarismo, que é nada mais que as experiências vividas por pessoas que quase se dedicam ao trabalho voluntário em comunidades, frequentemente em países em desenvolvimento, com o objetivo de contribuir para causas sociais, ecológicas ou educacionais. A relação entre o Ubuntu e o voluntariado é ligada à filosofia da interconexão humana, que prioriza o bem-estar coletivo.

Como já foi citado, o Ubuntu reflete a ideia de que a humanidade de uma pessoa está inevitavelmente conectada à humanidade de todos os outros. Essa noção ressoa com a prática do voluntariado, que envolve o esforço para melhorar as condições de vida de outros, reconhecendo que as necessidades e os problemas enfrentados pela comunidade são, também, os nossos. Em palavras de Nelson Mandela, o Ubuntu é sobre estar "aberto e disponível para os outros", não se sentindo ameaçado pelo sucesso do outro, mas sim celebrando e promovendo esses sucessos. Para o voluntário, isso implica agir de forma altruísta, não para ganhar reconhecimento pessoal, mas para contribuir ao coletivo.

Ao se integrar ao voluntariado, a pessoa não está somente ajudando uma pessoa, mas também experimentando a reciprocidade e o apoio comunitário que o Ubuntu enfatiza. De acordo com Santos (2023), o volunturismo contemporâneo se alinha com a prática do Ubuntu, pois oferece aos voluntários a oportunidade de vivenciar a solidariedade que interliga as

pessoas, um princípio central do Ubuntu, ao contribuir para causas sociais que buscam a melhoria das condições de vida de comunidades marginalizadas.

O conceito de hospitalidade também se relaciona diretamente com o Ubuntu em ambientes de voluntariado, particularmente quando os voluntários são recebidos por comunidades locais. O ato de acolher e integrar os voluntários de forma simples e com coração aberto, respeitoso e cheio de empatia reflete a essência do Ubuntu, pois promove uma troca que não apenas beneficia uma das partes. A hospitalidade no contexto do voluntariado implica em um acolhimento que vai além da simples recepção, mas envolve uma atitude que irá fazer ela se sentir pertencente àquele, essencial para criar laços duradouros entre os voluntários e as comunidades que recebem a ajuda.

Além disso, o volunturismo permite que os voluntários se conectem com a prática de Ubuntu de maneira prática, não só por meio da ajuda material, mas também pela troca de experiências. Como destacado por Kashindi (2017), a aplicação do Ubuntu em ações de voluntariado também é uma forma de "cultivar a humanidade" e "melhorar o mundo", pois o voluntário, ao agir em prol de outros, está, na verdade, contribuindo para a construção de uma comunidade mais forte e resiliente.

3.4 Modalidade

A modalidade do produto deste Trabalho de Conclusão de Graduação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap), é a grande reportagem online. Essa modalidade foi escolhida pois permite apresentar o tema com uma abordagem mais ampla e possibilita a democratização da notícia, alcançando mais pessoas. Além disso, para cativar o espectador, serão utilizados diversos tipos de mídia em um único espaço.

De acordo com Longhi (2014), a grande reportagem multimídia tem se destacado no jornalismo online por ser um espaço onde se explora as possibilidades de convergência de linguagens digitais, com uma abordagem que considera o desenvolvimento histórico dos produtos noticiosos multimidiáticos. Essa modalidade de grande reportagem online foi escolhida no Trabalho de Conclusão de Graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap) por permitir uma abordagem mais ampla do tema, democratizando a notícia e alcançando um público maior. Além disso, é mencionada a utilização de diferentes tipos de mídia dentro de um único espaço para cativar o espectador.

3.4.1 Grande Reportagem

Como já explicado, a grande reportagem foi escolhida como maneira de expressar e aprofundar as informações de forma detalhada. Para Lima (1993), o jornalismo desenvolveu ao longo do tempo um gênero de mensagem jornalística chamado de reportagem, cujo ápice seria a grande reportagem. Esse formato possibilita uma exploração mais aprofundada de um determinado tema, permitindo que a narrativa de maneira mais fluida, com um maior conhecimento nos assuntos abordados.

Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, ao seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, como o lead e as pirâmides já mencionadas (Lima, 1993, p. 24).

Outro ponto relevante da grande reportagem é a possibilidade de acesso a informações de diferentes épocas e sua comparação com o presente.

“As matérias jornalísticas constituem-se em documentos para ajudar a desvelar o passado e estabelecer nexos com os fatos do presente. O jornalismo, para desvendar o presente, precisa do passado: na memória das fontes, na contextualização dos fatos” (Santos, 2009).

A grande reportagem, além de oferecer uma visão mais detalhada sobre os fatos, permite que o jornalista traga novas perspectivas sobre o tema abordado, possibilitando um aprofundamento maior. Isso ocorre devido à liberdade narrativa que esse formato oferece, permitindo uma análise mais interpretativa dos fatos. Chaparro (1994) explica que o discurso jornalístico é o resultado de diversos acordos e conflitos entre falantes e ouvintes, no qual se busca uma estética da veracidade, atribuindo significados à realidade.

Baccega (1995) destaca que a atribuição de relevância aos fatos históricos é um processo subjetivo, influenciado pelo contexto histórico, teórico e ideológico do pesquisador.

Um indivíduo/sujeito que estuda o processo histórico, o pesquisador – afinal, é ele quem vai atribuir relevância aos fatos –, por outro lado, não podemos esquecer que o papel que ele desempenha não é resultado de uma postura individual: ele próprio é resultado de um contexto histórico, formado em uma determinada corrente teórica, preso a uma formação ideológica, limitado pela formação discursiva da ciência histórica (Baccega, 1995, p. 69).

Dessa forma, a grande reportagem online torna-se um importante instrumento de informação e análise crítica, permitindo ao jornalista explorar diferentes perspectivas e oferecer ao público um conteúdo mais completo e interativo.

3.4.2 Reportagem online

O jornalismo tem passado por profundas transformações com o surgimento e o crescimento da internet, o que impacta diretamente na produção e distribuição de conteúdo. A reportagem online surge como uma modalidade nova dentro deste novo contexto, permitindo a convergência de diferentes mídias e o alcance de um público cada vez mais amplo. Como afirma Ignacio Ramonet, “Pela primeira vez, num só meio, juntam-se o texto, o som e a imagem”, o que amplia significativamente as possibilidades narrativas e interativas do jornalismo digital (Barbosa, 2001).

A digitalização da informação trouxe benefícios, como a instantaneidade e a possibilidade de atualização em tempo real. Ao mesmo tempo, a reportagem online enfrenta desafios relacionados à credibilidade, à dispersão da atenção do leitor e à democratização do acesso à internet. Edo (2000) destaca que, embora em muitos países a internet ainda seja um bem de luxo, com acesso restrito a poucos, teoricamente é possível a troca de informações entre duas ou mais pessoas, localizadas em lugares distantes, desde que possuam acesso a um computador com modem e uma linha telefônica.

Esse novo cenário configura a internet como um espaço cultural dinâmico, onde a produção, o trabalho, o comércio, a política, a ciência, as comunicações e a informação se interconectam.

No Brasil, essa transposição do jornalismo impresso para o digital iniciou-se em 1995 com o *Jornal do Brasil*, seguido por outros veículos tradicionais como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, entre outros. Inicialmente, tratava-se apenas de uma mudança de suporte, sem grandes inovações no formato. Entretanto, em 1996, o *Universo Online* lançou o *Brasil Online*, o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa na América Latina, contando com informações de agências de notícias e de redações, incorporando elementos multimídia.

Além disso, o consumo de conteúdo jornalístico por meios digitais é considerado significativo no Brasil. De acordo com uma pesquisa realizada pela *Digital News Report*, cerca de 96% dos usuários brasileiros consomem notícias online em seus dispositivos (Rede Globo, 2025).

4 PROCESSOS METADÓLOGICOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso terá um caráter qualitativo e bibliográfico, com um interesse especial em explorar o significado da filosofia Ubuntu e o contexto do voluntariado e de como as pessoas aplicam a filosofia no dia a dia, analisando como essas experiências influenciam a percepção de pertencimento dos voluntários e das pessoas que seguem em seu dia a dia a filosofia.

Será utilizada a pesquisa qualitativa, inspirada pela abordagem descrita por González (2020), que argumentam que o comportamento humano é mais bem compreendido por meio das histórias e do contexto no qual ele está inserido. Conforme as autoras afirmam:

"Não fazem um tratado denso nem um manual de pesquisa qualitativa. Pretendem sim contar o que aprenderam sobre o tema ao longo dos vários anos como pesquisadoras e docentes" (González, 2020, p. 159).

Essa abordagem permite uma análise mais rica e detalhada das motivações e ações dos voluntários, considerando seus afetos, crenças e valores. Segundo as autoras,

A segunda razão diz respeito ao posicionamento das autoras em relação ao diálogo e às trocas intersubjetivas. Inclusive, é este posicionamento que determina a sua opção por uma abordagem que tem como um dos seus pressupostos a importância dos afetos, crenças e valores na produção de sentidos e significados das experiências para os sujeitos (González, 2020, p. 159).

A relevância desse aspecto torna-se ainda maior ao analisar a filosofia Ubuntu, que valoriza a coletividade e a interdependência das pessoas dentro de uma comunidade. Essa filosofia é fundamental para compreendermos como ela foi assimilada e adaptada em diferentes culturas ao redor do mundo.

Para aprofundar a compreensão do tema, serão feitas entrevistas com voluntários, funcionários de ONGs e especialistas no assunto, como filósofos e ativistas que enfatizam esse conceito filosófico. Uma abordagem qualitativa será empregada para captar dados que fornecem insights sobre as experiências de voluntariado e como os princípios de da filosofia Ubuntu são aplicados.

Piovesan (1995) destaca que, para obter respostas relevantes, é essencial construir as questões com base em um conhecimento prévio das possíveis respostas. Vanti (2002), por sua vez, define a bibliometria como um conjunto de métodos de pesquisa utilizados para mapear a

estrutura do conhecimento em um campo científico, por meio de uma abordagem quantitativa e estatística. Como ele explica:

Dessa forma, a partir do tratamento de informações referentes aos autores das pesquisas, aos veículos de publicação, às instituições de pesquisa e às palavras-chave, podem-se avaliar as tendências e o comportamento da produção científica desenvolvida sobre um tema específico (Vanti, 2002, p. 150).

Assim, perguntas específicas e reflexivas serão elaboradas e direcionadas a cada grupo de entrevistados, com o objetivo de identificar motivações, desafios e transformações geradas pelo voluntariado pela filosofia Ubuntu. A revisão de literatura fornecerá embasamento teórico para sustentar as análises e entrevistas, permitindo uma compreensão mais abrangente sobre a filosofia Ubuntu e sua aplicação prática no voluntariado.

A revisão bibliográfica possibilitará uma base teórica, alinhando-se às entrevistas para oferecer uma visão mais holística sobre como a filosofia Ubuntu é interpretada por diferentes organizações e como ela influencia o comportamento dos voluntários nas comunidades.

Os dados serão coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, e questionários com perguntas fechadas serão aplicados para complementar a análise qualitativa.

4.1 Fontes

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os personagens sobre suas histórias e experiências nas áreas de cultura, educação, literatura e voluntariado no Brasil e no exterior, nas cidades de São José dos Campos, Lorena, Grande São Paulo e Rio de Janeiro. O objetivo foi investigar o impacto real da filosofia Ubuntu em seus projetos, além de abordar a questão ética do apagamento de seu significado original.

Para aprofundar a temática das atuações em comunidades, o desenvolvimento do produto contou ainda com entrevistas semiestruturadas com escritores, ativistas, estudantes e produtores culturais especializados na área.

Lista de fontes:

Getrude Matshe – Palestrante e escritora do livro *Born on the Continent – Ubuntu*.

Ana Paula Monteiro – Presidente da escola de samba Pedra da Fogo.

Sidney Aparecido Reis – Mestre e presidente do Grupo de Capoeira Angola Ubuntu.

Paula Tanga – Escritora, assistente social, gestora de cultura e conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; fundadora da ONG Afrotribo; criadora do Prêmio Ubuntu de Cultura Negra e do Afrofashion.

Beatriz de Menezes Santos – Ex-aluna da Rede Ubuntu (2021), hoje estudante de Geografia da USP e coordenadora de um dos polos.

Levy Silva Caetano – Estudante de Engenharia e integrante do Coletivo Negro da USP – campus Lorena.

Raphael Silva Santos - Autor do livro Ubuntu 2048

Luiz Phelipe Brito - Psicólogo clínico formado em 2022 pela Universidade de Santo Amaro

5 RELATO DE ATIVIDADE

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco investigar como os princípios da filosofia Ubuntu, centrados na interdependência, solidariedade e colaboração, que se manifestam no engajamento social contemporâneo. A pesquisa baseia-se em um referencial teórico fundamentado na literatura sobre Ubuntu, com uma revisão bibliográfica exploratória que busca compreender de que forma esses valores são aplicados e promovem impactos positivos nas comunidades.

Além da base teórica, a proposta inclui uma grande reportagem escrita e publicada online, composta por entrevistas com jornalistas, voluntários, filósofos, professores e representantes de instituições. Esses entrevistados atuam não apenas como personagens da matéria, mas também como fontes para analisar como a filosofia Ubuntu é percebida e vivenciada em diferentes contextos.

As atividades do projeto tiveram início em 10 de fevereiro, quando conversei com a orientadora Vanessa Vantine sobre as ideias iniciais para o TCC e as possibilidades de formato que, até aquele momento, incluíam a realização de uma websérie. Em 19 de fevereiro, apresentei o tema do trabalho para a turma durante a aula de Projetos Multiplataformas. Poucos dias depois, em 22 de fevereiro, decidi trocar o formato da websérie por uma grande reportagem escrita, entendendo que essa abordagem permitiria uma exploração mais aprofundada do conteúdo teórico e das entrevistas.

Em 1º de março, iniciei a produção do memorando do projeto. No dia 10 de março, começaram os primeiros contatos com os entrevistados, entre eles Danilo Sardinha (da Fraternidade sem Fronteiras), Richard Oliveira (da Hamburgada do Bem), Manu Motta (jornalista da BBC News) e Naiara Paula Eugênio (professora doutora em Filosofia Africana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Dois dias depois, em 12 de março, ocorreu a primeira reunião oficial com a orientadora Vanessa Vantine, na qual discutimos os próximos passos do projeto teórico e da produção prática, levantando estratégias para aprimoramento do trabalho nesse processo, alguns entrevistados foram substituídos.

No dia 24 de março, dei continuidade ao contato com entrevistados e assessorias. Em 27 de março, tive uma conversa com Edna Gomes, representante do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR), o que contribuiu para ampliar minha visão sobre o tema. Em 12 de abril, entrevistei Getrud Marshel, que trouxe reflexões relevantes sobre a importância da filosofia Ubuntu no mundo e sua extensão no Brasil.

No dia 16 de abril, recebi por e-mail uma nota oficial e um vídeo do presidente Devam Bhaskar, do Instituto Alok, explicando como a filosofia Ubuntu inspira os projetos desenvolvidos pela organização na África, que logo foi barrada por causa de autorização. Em 28 de abril, entrevistei o psicólogo Luiz Brito, que falou sobre o projeto “Aquibolamento” e sua atuação no Cursinho Ubuntu.

Já em 9 de maio, entrevistei Ana e Beatriz, voluntárias e coordenadoras do Cursinho Ubuntu que atuam na região sul de São Paulo. Finalizando esse ciclo de entrevistas, no dia 12 de maio conversei com Ana Paula Monteiro, representante da escola de samba Prova de Fogo, que compartilhou como o enredo do carnaval de 2025 foi inspirado nos valores de Ubuntu.

Por questões de agenda, algumas entrevistas não puderam ser realizadas — como com o cantor Emicida e a filósofa Djamila Ribeiro. No entanto, consegui entrevistar Paula Tonga, escritora, assistente social, gestora de cultura e conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, fundadora da ONG Afrotribo e criadora do Prêmio Ubuntu de Cultura Negra e do Afrofashion, via internet, já que ela reside em São Gonçalo (RJ).

Um colega me indicou Levy Silva Caetano, integrante do coletivo negro da USP em Lorena; entrei em contato em 1º de junho e gravei a entrevista online devido à sua agenda de aulas, que impedia deslocamentos para São José dos Campos. Por meio de uma professora da Univap, consegui entrar em contato com o Mestre Sidney. Fui até o Centro Celebrieros duas vezes para conversar com ele e marcar a entrevista pessoalmente no dia 21 de junho, cuja gravação posteriormente editei.

No dia 21 de agosto, finalizei as entrevistas com Raphael Silva Santos, autor de “Ubuntu 2048”, também realizada via internet, e em seguida iniciei a criação da matéria para o site, transcrevendo todas as entrevistas e montando o texto. Em 10 de setembro, comecei a elaborar o briefing do site e encaminhei ao designer.

Após alguns imprevistos, o designer deixou o projeto, montei toda a identidade visual com ajuda da inteligência artificial e organizei no site Short Hand Stories, que ficou pronto no dia 04 de novembro.

6 PRODUTO

O produto consiste em uma grande reportagem publicada online. O título da peça jornalística é “Ubuntu: a força do coletivo para mudar realidades”. A reportagem é composta por sete páginas de texto corrido, uma linha fina e oito subtítulos. Está disponível em uma URL própria, ancorada na plataforma ShortHand Stories cujo design foi feito com auxílio da plataforma e da inteligência artificial.

A peça se configura como um produto de webjornalismo, pois está disponível na internet e reúne elementos como hipertexto, multimidialidade e, principalmente, interatividade, recurso essencial para aproximar o público das mídias sociais ligadas aos projetos culturais e sociais abordados.

A diagramação foi realizada, com base no briefing inicial elaborado por mim. O layout mescla o texto com fotografias autorais e de arquivo pessoal dos entrevistados alguns residentes em outras cidades, além de imagens extraídas das redes sociais dos personagens. Há também hiperlinks para perfis no Instagram (com reels já publicados), gráficos, botões para vídeos de entrevistas e outras ferramentas interativas da plataforma.

O estilo da grande reportagem é minimalista, com cores em Laranja (#E95420), Verde Profundo (#007D6B), Amarelo Dourado (#F2B23D), e Marrom Terra (#5C3A1B). A fonte utilizada para o corpo do texto é Default Font e, para títulos e subtítulos, a fonte Lato. Segue aqui o produto desenvolvido: <https://ubuntu.shorthandstories.com/portugals-second-city-should-be-your-first-destination-copy/>

6.1 Identidade visual

Figura 2 - Identidade Visual



Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 3 - Logo com o fundo



Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 4 - Fundo de tela

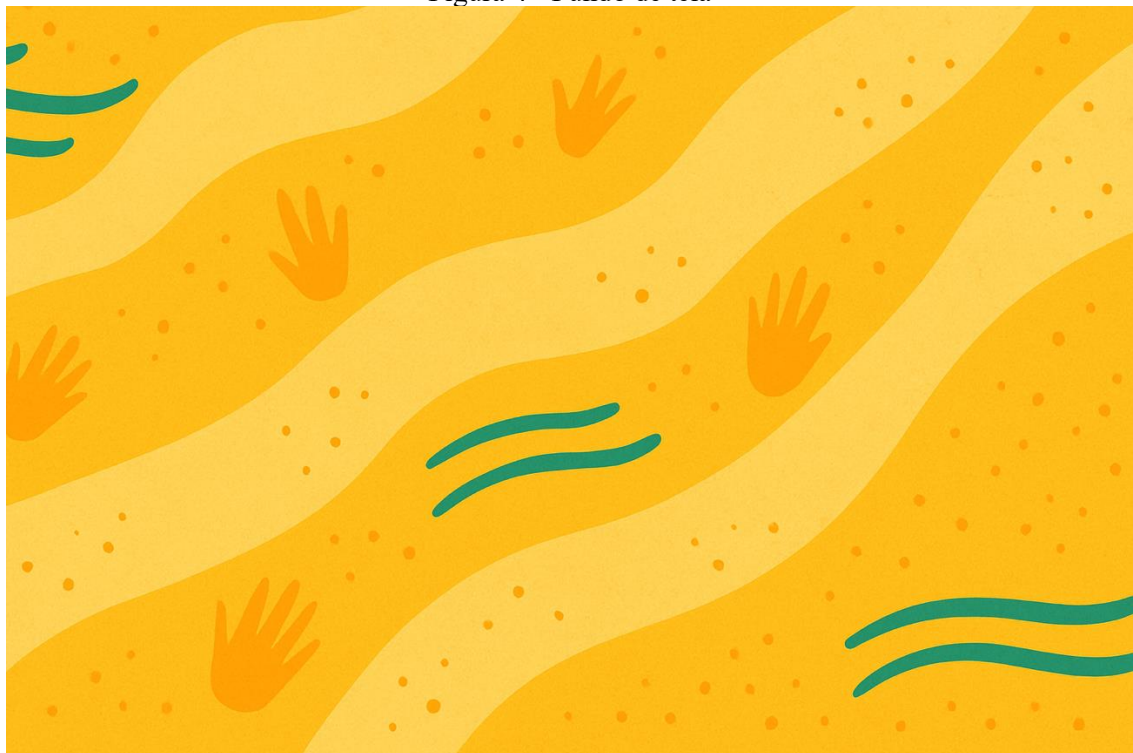


Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 5- Logo



Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 6- Mapa da cidade de São Paulo



Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 7 - Nelson Mandela e Desmond Tutu



Foto: ChatGPT Plus (2025).

Figura 8 - Paulo Freire



Foto: ChatGPT Plus (2025).

6.2 Explicação dos Subtítulos

O texto se inicia mostrando como o termo “Ubuntu” se popularizou na internet, em estampas e projetos sociais, destacando que essa difusão pode acabar esvaziando seu verdadeiro significado. Em seguida, explica o que é a filosofia Ubuntu, suas raízes nas línguas zulu e xhosa e sua importância histórica e cultural no sul da África e no Brasil.

A partir daí, apresenta personagens que vivenciam e disseminam essa filosofia. A primeira é Getrude Matshe, autora do livro *Born on the Continent – Ubuntu*, que percorreu diversos países ministrando palestras. Depois, surgem personagens e iniciativas brasileiras: Ana Paula Monteiro e a Escola de Samba Pedra de Fogo, que adotou Ubuntu como enredo para reforçar a ancestralidade; Sidney Aparecido Reis e o Grupo de Capoeira Angola Ubuntu, que utiliza a prática para ensinar coletividade; Paula Tanga, criadora da ONG Afrotribo e do Prêmio Ubuntu de Cultura Negra, que promove transformação social por meio da cultura e da autoestima; Beatriz de Menezes Santos e os polos do Cursinho Popular Ubuntu, que aplicam a

filosofia na educação; e Luiz Phelipe Brito, ex-aluno do cursinho, hoje psicólogo voluntário e criador do projeto “Aquilombamento Ubuntu”.

6.3 Subtítulo “Reconhecimento das raízes por meio da cultura”

Neste trecho, a reportagem mostra como a filosofia Ubuntu se conecta à ancestralidade africana por meio do samba. Apresenta o Carnaval como espaço de resistência cultural e social e destaca a Escola de Samba Pedra de Fogo, que adotou Ubuntu como enredo para reforçar a identidade africana. A presidente Ana Paula Monteiro explica o impacto social e emocional de valorizar as raízes, trazendo um exemplo concreto de como o samba funciona como centro de memória e expressão popular.

Aqui será linkado imagens da escola de samba, com um vídeo de sua apresentação no carnaval, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.4 Subtítulo “A filosofia como forma de se autoconhecer”

Aqui, a matéria explora o papel da capoeira como prática que une luta, dança, música e filosofia. O mestre Sidney Aparecido Reis, do Grupo de Capoeira Angola Ubuntu, explica como a prática promove coletividade, ensinando valores de cuidado intergeracional e resistência. Também é descrito o projeto filantrópico do grupo, que oferece aulas e refeições em comunidades vulneráveis.

Aqui será linkado imagens da aula de arquivo pessoa, com um vídeo direto do seu Instagram, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.5 Subtítulo “O impacto de transformar vidas por meio de ações”

Neste segmento, a reportagem destaca Paula Tanga e a ONG Afrotribo, que atua há 20 anos na promoção da autoestima e oportunidades para crianças e jovens negros. Mostra como a experiência pessoal da fundadora a levou a criar projetos como o Prêmio Ubuntu de Cultura Negra e o Afrofashion. O texto explica ainda como essas iniciativas funcionam como ferramentas de transformação social e cultural.

Aqui será linkado imagens das ações, com um imagens do livro de Paula e do prêmio Ubuntu, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.6 Subtítulo “Educação como forma de oportunidade”

Esse subtítulo aborda a Rede de Cursinhos Populares Ubuntu, criada para ajudar jovens da periferia a ingressarem na universidade. A reportagem detalha como a filosofia Ubuntu influencia práticas pedagógicas e promove valores de solidariedade, diversidade e diálogo, conectando-se ao pensamento de Paulo Freire. Também apresenta depoimentos de ex-alunos, como Beatriz de Menezes Santos e Luiz Phelipe Brito.

Aqui será linkado imagens das aulas, um link direcionado para o site da instituição, fotos do projeto do Luiz, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.7 Subtítulo “A necessidade do coletivo”

Aqui, a narrativa mostra as dificuldades enfrentadas por estudantes negros e periféricos após ingressarem no ensino superior. Apresenta o Coletivo Negro Ubuntu da USP Lorena, por meio do depoimento de Levy Silva Caetano, destacando a importância de espaços de acolhimento, troca de vivências e mobilização estudantil. O texto evidencia como a filosofia Ubuntu inspira práticas concretas de resistência e união dentro da universidade.

Aqui será linkado imagens as ações do coletivo, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.8 Subtítulo “Informação de forma lúdica e didática”

Neste trecho, a reportagem aborda a importância de tornar os ensinamentos sobre cultura afro-brasileira e indígena mais acessíveis, especialmente para crianças. Introduz Rafael Silva Santos, autor de *Ubuntu 2048*, que utiliza a literatura afrofuturista para transmitir os valores da filosofia Ubuntu. O texto explica como o livro se tornou um recurso educativo e inspirador em escolas, bibliotecas e clubes de leitura.

Aqui será linkado o livro, além de um hiperlink para o youtube para ver a entrevista completa.

6.9 Subtítulo “Ubuntu vai além da frase”

No fechamento, a reportagem reforça que Ubuntu é mais do que um slogan ou tendência nas redes sociais. Retoma os personagens apresentados ao longo do texto para mostrar como cada um deles materializa a filosofia em ações concretas na cultura, na educação, na capoeira,

nos coletivos universitários e na literatura, destacando o poder transformador do coletivo e da ancestralidade.

6.10 Matéria completa “Ubuntu: a real força do coletivo para mudar realidades”

Um antropólogo estudava os costumes de um povo africano. Ele propôs uma corrida entre crianças para ganhar um cesto de doces. Em vez de competirem, elas deram as mãos, correram juntas e dividiram tudo igualmente. Questionadas, responderam: “Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?”.

A história foi contada no Festival Mundial da Paz, em 2006, pela jornalista e filósofa Lia Diskin. Desde então, é repetida em palestras e vídeos na internet. O episódio ilustra o verdadeiro sentido da filosofia Ubuntu “Eu sou porque nós somos” baseadas em solidariedade, empatia e coletividade. Lia usa o caso para criticar o etnocentrismo e lembrar: não há hierarquias culturais. É preciso reconhecer e respeitar valores diferentes dos nossos para que não sejam esvaziados de seu sentido original.

Ubuntu é mais do que uma frase de efeito em campanhas, camisetas ou redes sociais. É uma filosofia com origem nas línguas zulu e xhosa, do sul da África. Foi essencial em processos de transformação social e econômica em países como a África do Sul e o Zimbábue.

Mas como a filosofia que veio desses povos se conecta com a nossa realidade?

Uma pessoa que vivenciou de perto essa conexão foi Getrude Matshe, nascida no Zimbábue e que se mudou para a África do Sul em 1994. Em 2004, publicou de forma independente seu primeiro livro, *Born on the Continent – Ubuntu*. Por meio de palestras e apresentações, viajou por 56 países para lecionar e compartilhar a filosofia Ubuntu. Ela relata que, ao conviver com comunidades que possuíam poucos bens materiais, percebeu que não havia sentimento de privação ou escassez, já que todos contribuíam para o bem-estar coletivo.

Segundo Getrude, o tema, hoje amplamente citado, foi levado ao mainstream por figuras marcantes como Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, e Desmond Tutu, bispo anglicano, ambos vencedores do Prêmio Nobel da Paz, principalmente pela luta contra o Apartheid, regime político de segregação racial e discriminação implementado no país. Eles tiveram papel essencial em internacionalizar a filosofia Ubuntu e torná-la reconhecida globalmente.

Para ela, Ubuntu possui uma definição profundamente humana, que revela o funcionamento dos seres humanos:

“A filosofia mostra que os seres humanos são tão interconectados que somos como células de um mesmo corpo. No corpo humano, cada célula, o coração e os demais elementos trabalham juntos para o funcionamento do todo, e é assim que somos como seres humanos. Quando concluímos o sequenciamento do genoma, descobrimos que todos os seres humanos no planeta são 99,9% iguais.”

Além de sermos todos parecidos geneticamente, Getrude acredita que o Brasil se conecta profundamente com essa filosofia por meio da preservação da cultura e dos costumes ancestrais:

“Nossa força, como pessoas de origem africana, está em sabermos de onde viemos. Quando conhecemos nossas raízes e entendemos nossa cultura, encontramos nosso poder.”

Reconhecimento das raízes por meio da cultura

Quando se fala em ancestralidade e resistência, uma das manifestações mais lembradas é o Carnaval e, com ele, o samba. Ao longo da história, as escolas de samba têm atuado como espaços de resistência cultural, social e política, especialmente para a comunidade negra no Brasil. Mais do que celebrar a festa, essas agremiações funcionam como centros de memória e expressão popular. Um levantamento feito para essa reportagem aponta que, das 26 escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro e de São Paulo, 11 apresentaram enredos voltados para essa temática, sem contar as escolas dos demais grupos.

Um exemplo é a Escola de Samba Pedra de Fogo, integrante do Grupo de Acesso de Bairros 1 de São Paulo. A escola fundada a partir de encontros entre moradores da Zona Sul e da Zona Oeste da capital, hoje está sediada no bairro da Vila Mangalot, na região de Pirituba. Em 2025, ano em que comemorou seu 50º aniversário, apresentou o enredo “*Ubuntu – Eu sou porque nós somos*”.

A presidente da escola, Ana Paula Monteiro, destaca a força do samba e sua importância na vida das pessoas:

“A gente costuma dizer que o samba cura. Tem gente que entra em depressão e até morre porque arrancam delas aquilo que é mais essencial: sua cultura, sua raiz. É como tirar o que é seu por direito.”

Para Ana Paula, a Pedra de Fogo representa essa resistência justamente por sempre ter sido administrada por lideranças negras e mantida com base na continuidade familiar. Desde que assumiu a presidência, em 2023, ela tem dado ênfase à valorização da identidade africana:

“Naquele ano, nosso enredo foi sobre a ‘Alma Africana’. Falamos da importância da África na vida do povo negro. No ano seguinte, quis dar continuidade ao tema, trazendo o Ubuntu. Primeiro falamos da mãe; depois, do coletivo. Porque Ubuntu significa ‘Eu sou porque nós somos’. Nós somos um só.”

Ana Paula também ressalta o impacto social da escolha do tema:

“O tema mexe com nossas raízes. Muita gente acha que falar de racismo é mimimi, mas não é. É real. O negro sofre preconceito todos os dias: basta sair na rua, tentar ocupar um cargo de liderança ou fazer uma faculdade. Eu mesma, quando fiz Direito, ouvi a pergunta: ‘Como você conseguiu?’ Isso não perguntam para brancos. Por quê? Qual o problema? Eu fiz como todo mundo.”

A filosofia como forma de se autoconhecer

Outra forma de compreender o Ubuntu é por meio da capoeira, uma das expressões culturais mais ricas do Brasil. A prática engloba luta, dança e música, reunindo musicalidade, beleza, plasticidade e teatralidade. A capoeira surgiu com os povos escravizados vindos da África, fruto da mistura de etnias e tradições, sendo também uma forma de resistência.

Esse é o olhar de Sidney Aparecido Reis, mestre e presidente do Grupo de Capoeira Angola Ubuntu, fundado em 2019 e sediado em São José dos Campos. Para ele, a capoeira é muito mais do que uma manifestação cultural: é um modo de aprender sobre a vida:

“A capoeira quebra paradigmas. Precisamos valorizar nossa cultura e o povo que a trouxe. Acreditamos que a capoeira tem começo, meio e fim, nunca fim. Assim como na filosofia africana, deixamos legado e permanecemos no giro da vida.”

Sidney explica que a prática carrega em si uma pedagogia baseada na coletividade:

“Aprendemos que uma pessoa se forma por meio das outras. O mais velho cuida do mais novo. As crianças representam o futuro; os griôs, o passado; e os jovens fazem a ligação entre os dois. Quando o mais velho ensina, mantém-se ágil. O mais novo se torna prudente, porque aprende a história.”

Inspirado por essa visão, o grupo deu início, em 2025, a um projeto filantrópico na comunidade do Rod. Todas as atividades acontecem aos sábados, com aulas de capoeira que unem treino físico, musicalidade, filosofia e prática. Ao final, é servido um lanche para os

participantes, considerando que se trata de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social.

“Essa é a nossa forma de retribuir à sociedade o que a capoeira nos deu. Sei o quanto o trabalho de base é importante, porque dá significado à vida”, afirma Sidney.

O impacto de transformar vidas por meio de ações

Assim como Sidney e seus amigos buscam transformar a realidade das pessoas ao seu redor por meio da capoeira e da solidariedade, Paula Tanga, moradora de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, tem feito a diferença com projetos sociais e culturais voltados à população negra. Escritora, assistente social, gestora de cultura e conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Paula fundou há 20 anos a ONG Afrotribo. É também criadora do Prêmio Ubuntu de Cultura Negra, do Afrofashion e de outros projetos.

A ONG nasceu a partir de um episódio de racismo que Paula sofreu, o que a levou à depressão. A partir dessa experiência, ela refletiu sobre a necessidade de criar um projeto para que jovens negros não enfrentassem o mesmo sofrimento. Assim, surgiu a Afrotribo, inicialmente pela moda, como uma ferramenta para trabalhar a autoestima de crianças negras em áreas vulneráveis, levando cultura e oportunidades. Hoje, a organização jpa oferece 31 oficinas profissionalizantes gratuitas, muitas voltadas ao empreendedorismo para mães solo, e já formou mais de 5.700 pessoas.

O contato mais próximo com a filosofia Ubuntu ocorreu durante uma conversa com o cônsul-geral de Angola, Rosário Seita, no Consulado de Angola. Foi ali que Paula conheceu a palavra *sawabona*, que significa “eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim”. A palavra a inspirou a escrever o livro *Sawabona: As Aventuras da Preta e o Careca*, destinado a ensinar crianças a lidar com as diferenças e mostrar que ninguém nasce racista, mas se torna ao longo da vida. O livro foi apresentado na Bienal de 2018, onde concorreu na categoria de conto infantil e foi o mais votado, garantindo nove salas de leitura. Publicado de forma independente pela ONG, esgotou rapidamente.

Em outro momento marcante, ao perceber a falta de representatividade negra no oscar de 2015, que ficou conhecido como "Oscars So White", que se referia a campanha para criticar a falta de diversidade racial nas nomeações, Paula criou o Prêmio Ubuntu de Cultura Negra, destinado a enaltecer a população negra no Brasil. A primeira edição, realizada no Teatro Carlos Gomes, superlotou: embora houvesse 1.200 lugares, 3.500 pessoas participaram. Hoje, o

prêmio é conhecido como o “Oscar da Cultura Negra no Brasil” e já começou a se nacionalizar, com edições previstas para São Paulo, Bahia, Recife e Espírito Santo.

Para Paula, a atuação em seus projetos e da premiação vão além da cultura: “As pessoas julgam muito quem mora em comunidade, mas não conhecem a falta de políticas públicas ali. Nosso papel é transformar vidas por meio da cultura, literatura e educação.”

Educação como forma de oportunidade

Como no caso de Paula, que se voluntariou para transformar realidades a partir de sua própria experiência, o mesmo sentimento de solidariedade, respeito, cooperação e empatia também se manifesta quando o Ubuntu entra no campo da educação. Nesse contexto, a filosofia transforma práticas pedagógicas, combate o pensamento colonialista, valoriza a diversidade e forma cidadãos mais conscientes de sua interdependência e responsabilidade social. Coletividade, escuta e respeito ao próximo são fundamentos centrais dessa prática, princípios que o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire já defendia ao afirmar que a educação deve ser dialógica, baseada na troca entre sujeitos.

Esse é justamente um dos pilares da Rede de Cursinhos Populares Ubuntu, composta atualmente por cinco polos, todos localizados na Zona Sul de São Paulo. A ideia surgiu da percepção de como era difícil para jovens da periferia ingressarem na universidade, devido às grandes defasagens nos estudos e às barreiras sociais, econômicas e ideológicas. Para enfrentar esse desafio, um grupo decidiu se organizar e criar um cursinho popular que pudesse auxiliar esses estudantes no acesso ao ensino superior. O projeto completa 11 anos em 2025.

Os dois polos iniciais foram o Santo Dias, no Jardim Ângela, e o Alan Soares, no Jacira. Depois vieram o Expedita, no Jardim Novo Horizonte Azul, e o Teresinha Magalhães, no Parque Novo Santo Amaro. Cada nome foi escolhido em homenagem a figuras da periferia que marcaram seus territórios com histórias de luta e solidariedade.

Segundo Beatriz de Menezes Santos, ex-aluna da Rede Ubuntu em 2021, hoje estudante de Geografia da USP e coordenadora de um dos polos, o projeto vai muito além das aulas tradicionais: promove rodas de conversa, debates políticos e atividades voltadas a temas como racismo, xenofobia, a sobrecarga da mulher negra e o apagamento da população preta na sociedade.

“A gente tenta resgatar essa vivência não só no discurso, mas na prática. Queremos que os alunos entendam essas questões para que, quando cheguem à universidade ou a qualquer espaço, já tenham consciência de sua identidade e papel social.”

Um exemplo do impacto da Rede é o de Luiz Phelipe Brito, psicólogo clínico formado em 2022 pela Universidade de Santo Amaro. Filho de mãe preta e pai branco, ele conta que só na adolescência começou a reconhecer sua identidade negra e a se conectar com a ancestralidade. Essa vivência o levou a se aproximar da filosofia Ubuntu, que mais tarde se tornou central em sua trajetória. Hoje, além de atuar em uma clínica de impacto social no Jardim Ângela, Luiz é voluntário no cursinho Ubuntu, onde ministra aulas e oferece apoio psicológico aos alunos.

“Sem referências, crescemos sem nos ver nas novelas, nos filmes, na música. Quando aparece, quase sempre é embranquecida. Reconhecer minha identidade me trouxe leveza e pertencimento”, afirma. Em 2024, inspirado por uma visita ao quilombo revolucionário do Carmo, em São Roque, ele criou dentro da Rede o projeto “Aquilombamento Ubuntu”, que busca aprofundar a vivência comunitária e fortalecer o vínculo entre estudantes, memória e território.

A necessidade do coletivo

Mas os desafios não terminam com o ingresso no ensino superior. Ao entrar na universidade, muitos estudantes negros, periféricos ou pertencentes a grupos minorizados encontram dificuldades de permanência, acolhimento e representatividade. Foi desse cenário que surgiram os coletivos, como o Coletivo Negro Ubuntu da Universidade de São Paulo em Lorena, voltado para reunir, apoiar e dar voz a estudantes pretos, pardos e indígenas.

Segundo Levy Silva Caetano, estudante de Engenharia e integrante do coletivo, esse tipo de organização é fundamental para criar um espaço seguro dentro da universidade:

“As reuniões são muito voltadas para a troca de vivências, para a gente conversar sobre o que tem vivido na faculdade. Às vezes discutimos um livro, um filme, mas o foco é sempre o mesmo: ser um ambiente de acolhimento e de segurança. Porque, sinceramente, a universidade pode ser um espaço bem hostil pra gente.”

O Coletivo Ubuntu divide espaço com outras frentes importantes na USP de Lorena, como o Enedina (coletivo feminista) e o Wonder (coletivo LGBTQIA+). Todos nasceram da necessidade de proteger, apoiar e unir estudantes diante de casos de agressão, preconceito ou exclusão.

Levy lembra de uma experiência marcante: durante uma pesquisa de ouvidoria sobre identidade racial, descobriu que menos de 10% dos alunos se declaravam pretos, pardos ou indígenas. “Isso é muito preocupante. Daí vem a necessidade de se unificar. Foi por isso que

escolhemos o nome Ubuntu: porque só conseguimos crescer como indivíduos quando decidimos nos unir como coletivo.”

Essa união se traduz também em luta. Os coletivos tiveram papel fundamental durante as greves na universidade, que reivindicava mais professores e melhores condições de estudo. Para além da pauta acadêmica, a mobilização mostrou como a filosofia Ubuntu pode se transformar em prática concreta de resistência, solidariedade e transformação social, seja na periferia, nos cursinhos populares ou dentro da universidade.

Informação de forma lúdica e didática

Muitos dos ensinamentos que chegam das universidades ou circulam pela internet acabam não sendo didáticos nem acessíveis para o público em geral principalmente para o público mais infantil. Nesse cenário, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que tornou obrigatória a abordagem de Educação Artística, Literatura e História sobre a cultura afro-brasileira e indígena, o que abriu espaço para novas vozes na literatura.

Um desses nomes é Rafael Silva Santos, autor de *Ubuntu 2048*. O livro já conta com duas edições, sendo a mais recente publicada pela Editora Quitembo. A obra alcançou um público diverso: foi indicada em escolas, entrou em bibliotecas e inspirou clubes de leitura. “A segunda edição lancei na Bienal do Rio. Foi minha primeira viagem fora de São Paulo”, relembra o escritor.

Definir o livro não é tarefa simples. A própria editora o apresenta como um thriller cyberpunk afrofuturista alucinante, em que o significado de “*ser você no outro*” é a única garantia de sobrevivência. A trama se passa em 2048, na cidade fictícia de *Salvadora*, um espaço marcado pelo individualismo, pelo caos e por uma ordem social que já esqueceu o valor da vida em comunidade.

Os protagonistas são Seray, um jovem perseguido, e Kinaia, uma androide hackeada que também foge. O encontro entre eles revela que a filosofia Ubuntu, se reconhecer no outro, pode se tornar uma espécie de tecnologia de resistência diante de um mundo distópico.

Para Rafael, a filosofia não apenas inspirou o enredo, mas também esteve presente no processo de escrita. “Conheci o pessoal da editora e a comunidade de literatura, de escrita, de criatividade. Foi nesse contato que percebi que não estava sozinho. Havia várias pessoas pensando em coisas parecidas e outras diferentes, mas que dialogavam com o que eu estava criando”, conta.

Ele destaca que escrever, embora pareça um ato solitário, é na verdade um processo coletivo: envolve logística, apoio e muitas pessoas para que o livro exista. “Isso me fez perceber, na prática, a filosofia Ubuntu: *eu sou porque nós somos*.”

Ubuntu vai além da frase

A trajetória de Getrude, Paula, Beatriz, Sidney, Luiz e Rafael mostra que o Ubuntu vai muito além de frases de efeito ou símbolos. É uma filosofia viva, que se manifesta em ações concretas na educação, na cultura, na capoeira, nas universidades e até na literatura. Cada iniciativa revela a força da solidariedade, da empatia e do pertencimento, lembrando que somos todos interdependentes. Ao mesmo tempo em que o termo circula rapidamente nas redes e na internet, seu verdadeiro sentido se mantém profundo e transformador quando é vivido e transmitido. Ubuntu é, acima de tudo, a prática de reconhecer o outro, de valorizar raízes, de fortalecer comunidades e de construir uma sociedade mais justa. Em tempos de individualismo e desigualdade, a filosofia africana ressoa como um convite à coletividade, à valorização da ancestralidade e à responsabilidade social.

7 PÚBLICO

O público-alvo desta grande reportagem inclui, primeiramente, consumidores de conteúdo jornalístico digital que têm interesse em temas sociais e filosófico, especialmente aqueles que buscam informações aprofundadas por meio de diferentes mídias e recursos interativos.

De acordo com a terceira edição da pesquisa "Voluntariado no Brasil 2021", divulgada em 27 de abril, mais da metade dos brasileiros já realizou ou realiza trabalho voluntário. O estudo, conduzido pelo Datafolha e pelo IDIS (Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social), com o apoio do Itaú Social, apresenta um panorama da ação voluntária no Brasil, evidenciando o interesse da população por esse tema (Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021, 2022). Além disso, a pesquisa aponta que 15% dos voluntários realizam atividades por meio de empresas, e a maioria deles (58%) participa de ações com frequência definida, demonstrando que o assunto também desperta o interesse de grandes empresários e que pode ser benéfico para eles conhecerem a filosofia central do tema (Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021, 2022).

No que diz respeito à filosofia Ubuntu, tema central deste trabalho, o interesse se estende a pessoas ligadas à educação e à ética, pois permite a exploração de conceitos como a concepção de pessoa e identidade, a relação entre o indivíduo e a comunidade, a natureza do conhecimento e da sabedoria, as formas de organização política e social, e a conexão entre os seres humanos e a natureza, entre outros aspectos.

Além disso, sete em cada dez secretarias municipais de educação não realizaram nenhuma ação ou poucas ações para a implementação do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Esse dado foi divulgado pelo Instituto Alana e pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, em abril de 2023. O estudo entrevistou gestores de 1.187 secretarias municipais de educação, representando 21% das redes de ensino dos municípios brasileiros, para avaliar o cumprimento da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira para combater o racismo nas escolas (Pimentel, 2023).

A pesquisa revelou que 29% das secretarias municipais têm ações consistentes e contínuas para atender à legislação; 53% realizam atividades esporádicas, como projetos isolados ou ações comemorativas no Dia da Consciência Negra (20 de novembro); e 18% não realizam nenhum tipo de ação. Somando os dois últimos grupos, 71% das secretarias municipais adotam poucas ou nenhuma iniciativa para cumprir a lei (Pimentel, 2023). Esse cenário

demonstra a relevância do tema para educadores e estudantes que buscam maior consciência sobre a cultura africana e seu impacto na sociedade.

8 TABELA DE CUSTOS

Tabela 1 - Tabela de Custos

DESCRIÇÃO DE ITEM	NOME	PREÇO
Livro	Os andaimes do novo voluntariado	R\$ 50,00
Celular	Iphone 12	R\$ 2.700,00
Livro	Ubuntu todos os dias	R\$ 39,90
Livro	Pesquisa qualitativa para todos	R\$ 49,13
Tripe	Tripe para iphone	R\$ 100,00
Luz	Luz portátil	R\$ 60,00
Diagramação	Designer	R\$ 450,00
Hospedagem do site	ShortHand Stories	R\$ 30,00
Total		R\$ 3,074

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso atingiu o objetivo geral de investigar como os princípios da filosofia Ubuntu com o conteúdo disponível em uma URL, a interdependência, solidariedade e colaboração, se manifestam no engajamento social contemporâneo. O desenvolvimento da grande reportagem online “Ubuntu: a força do coletivo para mudar realidades” permitiu não apenas difundir um conceito filosófico ainda pouco explorado no jornalismo cultural brasileiro, mas também apresentar exemplos concretos de sua aplicação no país.

Entre os objetivos específicos, foi possível identificar iniciativas, instituições e personagens que atuam com valores alinhados ao Ubuntu, examinar suas práticas e impactos na comunidade e compreender as motivações que levam as pessoas a se engajar nesses projetos. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com escritores, ativistas, professores, estudantes e produtores culturais em diferentes cidades, São José dos Campos, Grande São Paulo, Lorena e Rio de Janeiro. Ao todo, o produto reuniu relatos de nomes como Getrude Matshe, Ana Paula Monteiro, Sidney Aparecido Reis, Paula Tanga, Beatriz de Menezes Santos, Levy Silva Caetano, Luiz Phelipe Brito e Raphael Silva Santos, construindo um mosaico plural sobre o tema.

O projeto também mostrou como essas experiências se articulam em áreas distintas, da educação popular ao carnaval, do voluntariado universitário às práticas culturais afro-brasileiras. Um exemplo significativo é o Cursinho Popular Ubuntu, que atende cerca de 300 alunos distribuídos em polos autônomos, garantindo alimentação, aulas aos finais de semana e apoio financeiro para transporte, práticas que traduzem, de forma concreta, o espírito de coletividade e cuidado da filosofia estudada.

Outro ponto alcançado foi a discussão sobre o apagamento cultural e a apropriação indevida de termos africanos. A reportagem revelou, com dados recentes (como os levantados pelo Instituto Alana e Geledés), que 71% das secretarias municipais de educação ainda não cumprem integralmente a Lei 10.639/03, o que evidencia a urgência de uma abordagem mais consistente sobre a história e cultura afro-brasileira nas escolas (Benedito; Carneiro; Portella, 2023).

Do ponto de vista metodológico, o trabalho permitiu aprimorar habilidades de apuração jornalística: levantamento de dados, condução de entrevistas em diferentes formatos (presenciais e virtuais), edição de vídeos e planejamento de uma narrativa multimídia. O resultado, sete páginas de texto corrido, linha fina, oito subtítulos, fotografias autorais e de

arquivo, hiperlinks para redes sociais, vídeos e gráficos interativos, demonstra o potencial do webjornalismo para democratizar o acesso à informação e aproximar o público de projetos culturais e sociais.

Assim, este TCC não apenas cumpriu seus objetivos propostos, mas também contribuiu para dar visibilidade a práticas que materializam o Ubuntu no Brasil. Ao relatar experiências diversas sob um mesmo conceito, o trabalho reforça a relevância do jornalismo cultural e social para inspirar novas formas de engajamento comunitário, valorizando memórias, saberes e trajetórias que, juntas, constroem realidades transformadoras.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers**. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira: The history of an Afro-Brazilian martial art**. London: Routledge, 2005.

BACCEGA, Edson. **O historiador e a história: a construção do conhecimento histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BARBOSA, José. **Jornalismo digital e a convergência das mídias**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.

BASTIDE, Roger. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BATTLE, Michael. **Reconciliation: The Ubuntu Theology of Desmond Tutu**. Cleveland: Pilgrim Press, 1997.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia (org.). **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Instituto Alana; Geledés, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini; CARVALHO, Maria Bernadete Sarti Da Silva. **Educação ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos**. São Paulo: Editora UNESP, 2016. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/85fqc>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Editora 34, 1979.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 29 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 fev. 1998.

BROODRYK, Johann. **Understanding South Africa: The Ubuntu Way of Living**. Waterkloof, África do Sul: Ubuntu School of Philosophy, 2007.

BUJO, Bénêzet. **Ética e espiritualidade africanas: a filosofia de Ubuntu**. São Paulo: Loyola, 2009.

CALDANA, A. C. F.; FIGUEIREDO, M. A. DE C. O Voluntariado em questão: a subjetividade permitida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, n. 3, p. 466–479, 2008.

CAPITULINO, Gisely. O que é o Estatuto da Igualdade Racial? **Politize**, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/estatuto-da-igualdade-racial/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CARNEIRO, Edison. **A construção do outro como não-ser: fundamento do ser**. São Paulo: Zahar, 1956.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua portuguesa no Brasil: raízes indígenas e africanas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHAPARRO, José. **Discurso jornalístico: uma análise pragmática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

CHATGPT Plus. Disponível em: <https://chatgpt.com/g/g-G7TYuJJCE-gpt-plus?locale=pt-BR>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CUNHA, Márcia Pereira. **Os Andaimas do Novo Voluntariado**. São Paulo: Cortez, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DJU, Antonio Oliveira; MURARO, Darcísio Natal. Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia. **Trans/Form/Ação**, v. 45, p. 239–264, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/jpHyJCYDK3MwBDN3Qdk7YqH/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

EDO, Lúcio. **A internet no Brasil: desafios e oportunidades**. São Paulo: [s.n.], 2000.

EZE, Michael Onyebuchi. **Intellectual History in Contemporary South Africa**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

FADIGAS, Mateus Dumont. **Racismo científico como plataforma para compreensão crítica das relações Ciência, Tecnologia e Sociedade: o estudo de desenvolvimento de uma sequência didática**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015

FIOCRUZ. **Aula inaugural PPGBB: Dr Wilson Savino**. 16 mar. 2021. 1 vídeo (92m) Publicado pelo canal PPGBB Fiocruz Paraná. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o4bqFAzSnks>. Acesso em: 2 abr. 2025.

FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS. **Nação Ubuntu**. Disponível em: <https://www.fraternidadesemfronteiras.org.br/projetos/nacao-ubuntu/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli. O terreiro de umbanda como espaço de cuidado: algumas reflexões. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/45202>. Acesso em: 2 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, p. 7-22, 2012.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020.

HAMBURGADA DO BEM. **Sobre a organização**. Disponível em: <https://www.hamburgadadobem.com.br/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

HANSAN, John E. **O voluntariado e a COS: A organização da caridade no pós-revolução industrial**. São Paulo: [s.n.], 2013.

HOUNTONDJI, Paulin J. **African Philosophy: Myth and Reality**. Bloomington: Indiana University Press, 1983.

HUDSON, Bob. **O voluntariado: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1999.

IGNATIEFF, Michael. **The Warrior's Honour: Ethnic War and the Modern Conscience**. Londres: Chatto & Windus, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2019**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

INSTITUTO PADRE ANTÔNIO VIEIRA. **Nelson Mandela fala sobre Ubuntu**, 15 nov. 2010. 1 vídeo (96 min.) Publicado pelo canal IPAV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9QnEaKZ_4kY. Acesso em: 2 abr. 2025.

KASHINDI, Jean Bosco Kakozi. Ubuntu como crítica descolonial aos Direitos Humanos: uma visão cruzada contra o racismo. **Ensaios Filosóficos**, v. 19, p. 1-14, jul. 2019.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva*. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 15, n. 254, p. 1-24, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/254cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

KISNERMAN, Natálio. **Introdução ao trabalho social**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

LONGHI, Raquel Ritter. *Grande reportagem multimídia ontem e hoje*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 12., 2014, Santa Cruz do Sul.

Anais..., Santa Cruz do Sul: SBPJor, 2014. Disponível em: https://jortec.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/bp-attachments/520/Longhi_SBPJor_2014.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

MANDELA, Nelson. **O Longo Caminho para a Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MBITI, John S. **African Religions and Philosophy**. London: Heinemann, 1969.

MEGACURIOSO. Ubuntu não foi relevante apenas na África do Sul; ele chegou ao país vizinho Zimbábue, na grande repressão histórica e transição política para o poder político da maioria negra. **Megacurioso**, 2021. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/120779-ubuntu-qual-a-importancia-dessa-filosofia-africana-para-a-vida.htm>. Acesso em: 2 abr. 2025.

METZ, Thaddeus. Ubuntu as a Moral Theory and Human Rights in South Africa. **African Human Rights Law Journal**, v. 11, n. 2, p. 532-559, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **100 anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Africanos/USP, 2002.

NABUDERE, Dani W. "Ubuntu Philosophy: Memory and Reconciliation." Kigali: Centre for Basic Research, 2005.

NACCACHE, Silva Maria Louzã; CARMO, Kelly Alves do; SOUZA, Felipe Pimenta de. **Voluntariado no Brasil: duas décadas de transformação**. São Paulo: IDIS, [2022]. Disponível em: . Acesso em: https://www.idis.org.br/wp-content/uploads/2022/07/PVB_2021_Artigos.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 maio 2025.

NASCIMENTO, Alexandre do. *Ubuntu como fundamento*. **UJIMA – Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros**, n. 20, ano 20, p. 1-4, 2014. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/alexandre_do_nascimento_-_ubuntu_como_fundamento.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

NETTO, José Paulo. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BERSUSA, A. A. S.; SIQUEIRA, S. R. Humanização e voluntariado: estudo qualitativo em hospitais públicos. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 5, p. 942–949, out. 2010.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

OGUDE, James. **Ubuntu and the Reconstitution of Community**. Bloomington: Indiana University Press, 2019.

O que é...Bantos. **Studhistoria**. Disponível em: <https://studhistoria.com.br/qq-isso/bantos/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PEREIRA, Artur Oriel; SANTIAGO, Flavio; SOUZA, Ellen Gonzaga Lima. Ubuntu: acolhimento ancestral e inquietações feministas negras à educação de bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Teias**, v. 19, n. 53, p. 314–329, jul. 2018.

PEREIRA, José Luiz. O voluntariado como estratégia de ação do Estado brasileiro. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 46, n. 2, p. 83-98, 2003.

PESQUISA VOLUNTARIADO NO BRASIL 2021. **Relatório pesquisa voluntariado no Brasil 2021**. São Paulo: IDIS; Datafolha, 2022. Disponível em: <https://pesquisavoluntariado.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Pesquisa-Voluntariado-no-Brasil-2021--Relatorio-de-atividades.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PIMENTEL, Carolina. Mais de 70% das cidades não cumprem lei do ensino afro-brasileiro. **Agência Brasil**, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/mais-de-70-das-cidades-nao-cumprem-lei-do-ensino-afro-brasileiro>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PIOVESAN, Flávia. **A ética no discurso filosófico contemporâneo**. São Paulo: Editora contexto, 1995.

PORTAL GELEDÉS. **Ubuntu**: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

PORTUGAL, Laura. **Entrevista com Dr. Wilson Savino. Programa Conexões**, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade e modernidade/racionalidade. In: DUSSEL, E.; GUTIÉRREZ, R.; KORMAN, R. (Orgs.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy Through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

RAMPHELE, Mamphela. **Ubuntu: I Am Because We Are**. Cape Town: Tafelberg, 2008.

REDE GLOBO. Digital News Report 2025: **Pesquisa revela hábitos dos brasileiros no consumo de notícias digitais**. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2025>. Acesso em: 2 abr. 2025.

SANTOS, Marli dos. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. **Comunicação & Informação**, v. 12, n. 2, p. 21-32, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/12266>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, M. A. **O volunturismo contemporâneo e a prática do Ubuntu**: Solidariedade, interconexão e hospitalidade nas ações voluntárias. [S.l.]: [s.n.], 2023.

SELLI, Lucilda; GARRAFA, Volnei. Bioética, solidariedade crítica e voluntariado orgânico. *In*: JUNGES, José Roque (Org.). **Solidariedade crítica e cuidado**: reflexões bioéticas. São Paulo: [s.n.], 2010. p. 13-22.

SHUTTE, Augustine. **Philosophy for Africa**. Cape Town: University of Cape Town Press, 1993.

SZAZI, Eduardo. **Terceiro setor**: Regulação no Brasil. São Paulo: Gife e Editora da Fundação Peirópolis, 2001.

TUTU, Desmond. **No Future Without Forgiveness**. New York: Doubleday, 1999.

TUTU, Desmond; TUTU, Mpho. **O Livro do Perdão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

UBUNTU: **a gente precisa de gente para poder ser gente**. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://vitoria.ifes.edu.br/servidor/viver-bem/19176-ubuntu-a-gente-precisa-de-gente-para-poder-ser-gente>. Acesso em: 10 abr. 2025

VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. Filosofia UBUNTU. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 100–112, 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3841>. Acesso em: 2 abr. 2025.

VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. 2. ed. São Paulo: Editora Corrupio, 1999.

YOUNG, James O. **The Ethics of Cultural Appropriation**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

APÊNDICE A – LINK DE ACESSO A GRANDE REPORTAGEM

<https://ubuntu.shorthandstories.com/portugals-second-city-should-be-your-first-destination-copy/>

APÊNDICE B – FICHAS DE ORIENTAÇÃO MENSAL



FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vítor Trindade Ass.: João Vítor Trindade
 Data: 28, 08, 2025

Temas discutidos:

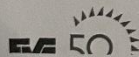
- elaboração da parte prática do trabalho
- Pequenas mudanças de texto do relatório

Desenvolver:

- Parte prática da reportagem

Próxima reunião: 22, 09, 2025

Assinatura do orientador::



Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
 www.univap.br




FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vitor Almeida Ass.: João V. Almeida
 Data: 12 / 03 / 2025

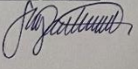
Temas discutidos:

- Referencial Teórico
- mapeamento das instituições
- produto final
- intervenções

Desenvolver:

- Analisar a possibilidade de identificar as instituições que regem a filosofia em São João.
- conseguir contato com as instituições.

Próxima reunião: 16 / 04 / 2025

Assinatura do orientador: 


 Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
 www.univap.br

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vitor Chindade Ass.: João Vitor Chindade
Data: 23 / 05 / 2025

Temas discutidos:

- melhoria no memorial (deleta das atividades e introdução)
- introdução, parte prática
- autorizações

Desenvolver:

- Reformular introdução e justificativa
- definir as autorizações

Próxima reunião: 11 / 06 / 2025

Assinatura do orientador: [Assinatura]

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vitor Chimento Ass.: João V. Chimento
Data: 10 / 04 / 2025

Temas discutidos:

- Revisão no experimento teórico
- orientações para o trabalho prático
- estrutura

Desenvolver:

- Iniciar o ponto prático

Próxima reunião: 08 / 05 / 2025

Assinatura do orientador::

[Assinatura]

 **UNIVAP**
Universidade do Vale do Paraíba

 **FCSAC**
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Computação

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

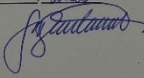
Aluno: João Vitor Chimento Ass.: João Vitor Chimento
Data: 23 / 09 / 2025

Temas discutidos:

- Formato do site
- Aventura da matéria

Desenvolver:

- Site

Próxima reunião: 23 / 10 / 2025
Assinatura do orientador: 

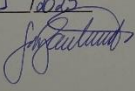


FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vitor Jirindou Ass.: João Vitor Jirindou
Data: 23 / 10 / 2025

Temas discutidos:
Produção de vídeo

Desenvolver:
Produção de vídeo

Próxima reunião: 23 / 11 / 2025
Assinatura do orientador: 



Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
www.univap.br

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: João Vitor Almeida Ass.: João Vitor Almeida
Data: 23 / 11 / 2025

Temas discutidos:

- Fechamento da matéria

Desenvolver:

- Conclusão de relatório

Próxima reunião: 11 / 11 / 11 - Banca!

Assinatura do orientador:

[Assinatura]

APÊNDICE C – FICHAS DE AUTORIZAÇÃO

Devido a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais) os de Termo de uso de imagem, ou de voz, ou de entrevista, ou de trilha sonora não podem mais ficar nos anexos do relatório do TG, pois este fica público no repositório da Univap. Os termos estão salvos separadamente com nome das pessoas em outro arquivo.

ANEXO A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

1. Transcrições da entrevista com Getrude Matshe

João: Minha primeira pergunta é: o que é a filosofia Ubuntu e quais são os seus principais fundamentos?

Getrud: O Ubuntu é uma filosofia do Sudeste da África que expressa a visão de mundo de que os seres humanos são tão interconectados que somos como células de um mesmo corpo. Quando você observa o corpo humano, vê que há células, coração, e todos os elementos que fazem o corpo funcionar como um todo — é assim que somos como seres humanos. Ao concluir o sequenciamento do genoma humano, descobrimos que todos os seres humanos no planeta são 99,9% iguais.

Nossas diferenças — como a cor da pele ou o formato dos olhos — representam apenas 0,01%. A filosofia surgiu no Sudeste da África. É um estilo de vida, a base espiritual da sociedade.

É quase como uma religião, mas não é uma religião. Possui quatro "C's" e um "E" como pilares. O "E" representa a empatia, e os "C's" são: compaixão, comunidade, conexão e colaboração. Esses são os pilares que moldam nosso modo de viver.

João: Quem são as principais pessoas que divulgaram essa filosofia? Ela é comum em países como África do Sul, Zimbábue, Malaui, Botsuana, até Ruanda?

Getrud: Começou no sul, mas com a migração, as pessoas levaram a filosofia para outros países africanos. Antes do colonialismo, a África era como um único país.

As pessoas viviam como uma só. Com o colonialismo, surgiram fronteiras, separando Zimbábue da África do Sul, do Malaui, da Zâmbia. Esses países não existiam antes.

Os africanos migravam entre regiões de acordo com as estações. Por isso, a filosofia se espalhou, alcançando o norte, como a região de Ruanda.

João:Pesquisei e vi que Nelson Mandela e Desmond Tutu tiveram grande importância nessa filosofia. Você pesquisou sobre isso?

Getrud: Sim. Nelson Mandela a levou para o mainstream.

Ele e Desmond Tutu internacionalizaram a filosofia, tornando-a acessível ao grande público e reconhecida mundialmente.

João: Era uma dúvida minha... Nas pesquisas, vi o papel importante dos dois. Ela explicou que eles a levaram ao mainstream. Mas e no dia a dia, como funciona? Como as pessoas podem aplicar a filosofia Ubuntu no cotidiano?

Getrud: Como um estilo de vida, Ubuntu determina que, ao encontrar outro ser humano, você deve reconhecê-lo. A primeira coisa é olhar nos olhos, manter contato visual ao cumprimentar.

Por exemplo, no meu idioma, o “bom dia” é uma frase que significa “Como você acordou hoje?”, e a resposta seria “Acordei bem, se você também acordou bem”. Se alguém na casa não está bem, ninguém está bem.

Isso é o que quero dizer com “somos células do mesmo corpo”. Esse é o nível de cuidado da filosofia. Quero explicar isso também em um contexto moderno.

Durante a pandemia de Covid-19, ficou claro: se uma pessoa no mundo tem Covid, ninguém está seguro. Ela respira, transmite o vírus, e isso afeta todos. É uma ótima ilustração de como estamos interconectados.

João: Você acredita que a filosofia pode contribuir com políticas públicas e práticas comunitárias, como o voluntariado?

Getrud: Sim, com certeza. Mas essa filosofia precisa começar em casa — entre marido e esposa, entre pais e filhos, com a família ampliada, prestando atenção uns aos outros.

Por exemplo, muitos adolescentes têm problemas de saúde mental, e se os pais não prestam atenção, eles sofrem sem que os pais percebam. Às vezes, os pais estão ocupados com o trabalho e não conversam de verdade com os filhos, que podem estar sofrendo bullying na escola.

Entre marido e esposa, o marido pode ter problemas no trabalho e descontar em casa. Se não houver comunicação, isso pode afetar o relacionamento, pois a esposa pode não perceber o que está vindo de fora.

É assim que o Ubuntu deve começar: em casa. Depois, se expandir. Imagine um círculo: no centro está a família, a próxima camada é a comunidade.

Quando eu cresci, morava numa rua com cinquenta famílias. Eu conhecia todos pelo nome, inclusive os avós. Era cuidada por todos. Se eu fizesse algo errado, uma amiga da minha mãe podia me disciplinar.

Na África, acredita-se que as crianças pertencem à comunidade. Todos cuidam delas, mesmo que não sejam seus filhos.

Coisas simples como cumprimentar seu vizinho, ajudar se estiver doente, levá-lo ao médico — isso é Ubuntu. Na minha língua, não há palavras para “tio”, “tia” ou “primo”. A irmã da minha mãe mais velha é “mai-guru”, a mais nova é “mai-nini” — significa “minha mãe pequena”.

Se a mãe morre, suas irmãs assumem essa responsabilidade. O mesmo ocorre com o pai. Não há a palavra “primo”, chamamos todos de irmãos ou irmãs. Minha avó teve 11 filhos e 34 bisnetos — todos eram irmãos e irmãs.

O primeiro círculo é a família. O segundo, a comunidade. O terceiro é o mundo. Devemos nos importar com o que acontece no outro lado do planeta. Se puder ajudar, doar, apoiar uma causa, faça isso.

Para mim, as duas maiores causas são as das mulheres e das crianças. Já estive em 56 países. Quando vejo pobreza e falta de acesso à educação, arrecado fundos para ajudar. Pela filosofia Ubuntu, os filhos de todas as pessoas também são meus filhos.

João: Vi que você já esteve no Brasil. O que acredita que pode ser aplicado da filosofia aqui? Já pensou em como trazer Ubuntu para o nosso país?

Getrud: Já sim. A conferência que farei será em Salvador, focada no afrofuturismo. Vai reunir pessoas brasileiras de ascendência africana.

O que percebi é que muitos brasileiros mantêm a cultura e os costumes dos seus ancestrais. Nossa força, como pessoas de origem africana, está em sabermos de onde viemos. Se conhecemos nossas raízes e entendemos nossa cultura, encontramos nosso poder.

Como futurista africana, sonho com nosso futuro. Minha palestra se chama: “Eles pensaram que nos tinham enterrado, mas não sabiam que éramos sementes.”

Fomos levados como escravos, e a diáspora africana se espalhou pelo mundo. Muitos vieram para o Brasil, EUA, Reino Unido. Eu mesma saí da África por causa da pobreza, doenças como a AIDS, buscando uma vida melhor para meus filhos.

Somos as sementes da África. Muitos morreram na travessia, pela escravidão, pela brutalidade policial. Mas o “enterro” significa que ainda podemos crescer a partir dessa terra.

Nossos ancestrais não morreram em vão. Somos as árvores que crescem a partir dessa dor. Sei que há muita brutalidade policial e racismo no Brasil, especialmente contra pessoas de ascendência africana.

Minha missão é compartilhar essa filosofia com o maior número de pessoas possível. O Brasil tem a maior população de descendentes africanos fora da África — mais do que os EUA.

É emocionante poder compartilhar essa cultura e esse modo de viver. Acredito que fomos espalhados pelo mundo por uma razão.

Minha avó dizia que, para sobreviver, uma árvore precisa espalhar suas sementes o mais longe possível. Onde quer que caiam, o solo será fértil — se a mente estiver no lugar certo. Se você souber quem é, pode resistir, pode lutar, mesmo diante do racismo e do preconceito.

Devemos lembrar que estamos sobre os ombros de gigantes — pessoas fortes que sobreviveram a toda essa brutalidade. E por isso hoje, em 2025, existimos como seres humanos. Isso é força psicológica. Sobrevivemos porque temos uma força que precisamos lembrar que possuímos.

2. Transcrições da entrevista com Ana Paula Monteiro

Entrevistador:

Eu vou contar um pouco da história da Prova. A Prova de Fogo foi fundada no bairro da Vila Mangalot, aqui em São Paulo, na região de Pirituba, que hoje é considerada Zona Noroeste.

Entrevistada:

Tudo começou em um piquenique em Interlagos, perto do autódromo e da represa Guarapiranga. Por que um piquenique? Porque o pessoal que morava na Zona Sul, ali perto da represa, começou a se encontrar com o pessoal da Zona Oeste, que depois virou Noroeste. Eles vinham jogar futebol. O time deles era o Santista, e eles jogavam contra o Flaminguinho, aqui da Zona Sul. Foi nesses encontros que nasceu a ideia de criar uma escola de samba. A iniciativa veio do senhor Ackmilson, conhecido como Ceará. Foi ele quem sugeriu o nome Prova de Fogo.

E por que Prova de Fogo? Porque lá no Ceará tinha uma corporação dos bombeiros com esse nome, Prova de Fogo, e como ele era de lá, trouxe essa referência.

Depois disso, começaram várias reuniões, inclusive na casa da minha avó — mãe do meu pai — o nome dela era Valdivina, e morava na Vila Mangalot.

Dois meses depois do piquenique, foi plantada a primeira semente do samba em Pirituba. A Prova é até hoje a única escola de samba da região. Existem blocos carnavalescos, mas escola mesmo, com tradição, desde 1974, é só a Prova de Fogo. No ano passado, completamos 50 anos.

A escola começou a se reunir e, em 1975, fez seu primeiro desfile como grupo pleiteante. Naquela época, o desfile era na Rua 12 de Outubro, porque ainda não existia o Sambódromo. Eu não lembro se desfilei lá, nem na Lapa. O que me vem à cabeça é a Avenida Tiradentes, que virou o principal polo depois.

No primeiro ano em que desfilamos, já fomos campeões. Subimos para o Grupo 3. Em 1980, desfilamos com um enredo sobre a história do Caboclo. Essa eu lembro bem! No desfile tinha uma casinha de sapé, e eu era criança, devia ter uns cinco ou seis anos. Eu entrei na casinha no meio do desfile, foi emocionante. Só não lembro se era na Tiradentes, na São João ou na Lapa — só lembro que era uma avenida.

Depois desse desfile, subimos para o Grupo 2. A Prova foi crescendo, apresentando enredos marcantes. O que mais define a escola é a resistência cultural. Até porque Pirituba foi um quilombo, e até hoje tem ali o castelo da Marquesa de Santos, que era amante de Dom Pedro.

A Prova de Fogo representa essa resistência, porque sempre foi administrada por negros. Depois do Ackmilson, vieram outros presidentes, mas o que mais marcou foi meu tio, Celso Lima. Ele ficou mais de 30 anos na presidência. Nesse tempo, tivemos muitas conquistas.

Com o tempo, fomos para o Anhembi. Eu costumo dizer que a Prova ajudou a inaugurar o Anhembi com outras escolas. Ficamos muitos anos no Grupo 1 de acesso. O Grupo 1 era da UESP, e o acesso era pela Liga. A gente lutava para ir para o Grupo Especial, com escolas como Rosas de Ouro, Vai-Vai, Mocidade. Mas a gente vivia esse vai e vem, sabe? A gente chamava de “ioiô”: subia, caía, subia de novo...

Em 2008, caímos para o Grupo 1 e ficamos ali por um tempo. Em 2009, meu tio passou a presidência para o meu primo. Em 2017, ele saiu para seguir carreira política e deixou a escola com uma pessoa de fora da família. Não deu certo. A escola caiu dois grupos.

Hoje estamos no Acesso 1 de Bairros e desfilamos na Zona Leste. Depois disso, minha prima assumiu, ficou um mandato e, no início do segundo, renunciou. Aí eu assumi, em 2023.

No meu primeiro ano como presidente, ficamos em terceiro lugar. Só não subimos por um décimo!

Nosso enredo foi sobre a “Alma Africana”. Falamos da importância da África em nossas vidas, na vida do povo negro.

Eu quis dar continuidade ao tema, e no ano seguinte falamos de Ubuntu. Primeiro falamos da mãe, depois falamos do coletivo. Porque Ubuntu significa “Eu sou porque nós somos”. Nós somos um só. A gente é negro sem preconceito, com ancestralidade. O tema mexe com nossas raízes. E muita gente acha que falar de racismo é mimimi. Mas não é. É real.

O negro sofre preconceito todos os dias. Basta sair na rua. Basta tentar ocupar um cargo de liderança, fazer uma faculdade.

Eu mesma fiz faculdade de Direito, e me perguntaram como consegui. Isso não perguntam para brancos. Por quê? Qual o problema? Eu fiz como todo mundo. Não foi por cota.

A filosofia do Ubuntu resume tudo isso. O negro é coletivo. Eu sou porque você também é. Ser uma pessoa de samba, ser resistente, mesmo com todas as dificuldades — pandemia, falta de apoio — é porque está no sangue.

O samba, na verdade, é uma junção. Desde antes de Jesus Cristo, o tambor sempre esteve presente. Quando a gente ouve o som do tambor... não dá para explicar. É algo que a gente sente.

Durante a pandemia, a gente ficou sem desfilar, mas nunca sem samba. A gente assistia desfiles antigos no YouTube todos os dias. Quando tudo reabriu, desfilamos em abril, depois da Páscoa. Para nós, parecia fevereiro.

A gente costuma dizer que o samba cura. A escola de samba tem o poder de curar. O Rosas de Ouro veio até com esse tema: “O samba tem o dom de curar”. E é verdade. Tem pessoas que se curaram. Minha mãe é uma delas. Eu mesma fiquei doente quando tentei me afastar da escola.

Tem gente que entra em depressão e morre, porque arrancam delas aquilo que é mais essencial. É como arrancar o que é seu por direito, sua cultura, sua raiz. Por isso, manter essa escola viva, com presidentes negros, com continuidade familiar, é resistência.

A Prova de Fogo é uma escola de samba familiar. Saiu do meu tio, foi para o meu primo, depois voltou para a família comigo. É uma herança. E a gente quer passar para os nossos sobrinhos, nossos filhos, para que eles entendam de verdade o que a nossa cultura representa.

3. Transcrições da entrevista com Sidney Aparecido Reis

Entrevistador: Primeiro, pergunto: qual é o seu nome completo e qual é a sua função aqui, só para registrarmos.

Sidney: Meu nome é Sidney Aparecido Reis, eu sou presidente do grupo e mestre-presidente do grupo.

Entrevistador: Como surgiu a capoeira? Você sabe contar um pouco para a gente?

Sidney: Sim. A capoeira surgiu com os povos escravizados que vieram da África para cá. Nessa travessia — imagino eu, pois não temos documentos — houve uma mistura de povos de várias regiões da África. Na ânsia pela liberdade, criaram a capoeira. Acredito que ela tenha surgido em solo brasileiro, mas com muitos elementos africanos, essencialmente africanos.

Entrevistador: E como funciona a capoeira? Muita gente tem dúvida se é luta, dança ou música.

Sidney: A capoeira é uma das expressões mais ricas que temos. Ela engloba luta, dança e música. Tem musicalidade, beleza, plasticidade e teatralidade. Também forma e educa, pois é uma cultura de matriz africana. O círculo é muito presente na capoeira. Quando falo de capoeira, falo da capoeira angola, a tradicional.

Entrevistador: Qual é a diferença entre a capoeira tradicional e a angola?

Sidney: A capoeira angola é a tradicional. Já as versões modernas e híbridas enfatizam outros elementos e acabam, de certa forma, desvirtuando a essência. A capoeira, além de ser lazer para homens, mulheres e crianças escravizadas, hoje desenvolve coletividade. Não se joga contra o outro, mas com o outro. Esse é o espírito.

Entrevistador: E como surgiu o grupo de capoeira Ubuntu?

Sidney: O grupo surgiu em 2019. Mas eu iniciei na capoeira em 1988. Antes, fazíamos parte do grupo Raiz Negro, em São Sebastião. Com o tempo, percebemos que nossas filosofias não estavam mais alinhadas e fundamos o Ubuntu. Fizemos várias reuniões e sugeri o nome “Ubuntu”, por refletir nossa filosofia de vida. Temos integrantes com 20, 25 e até 30 anos de capoeira. Não é um grupo grande, mas é diverso e maduro, já que a maioria trabalha e se reúne semanalmente para praticar. Apesar das diferenças, o que nos une é o objetivo comum: cantar, tocar, jogar ou “vadear” capoeira. O Ubuntu também é um espaço de mediação de conflitos, pois convivemos com mentes diferentes quase todo o tempo.

Entrevistador: E como você conheceu a filosofia Ubuntu?

Sidney: Conheci por meio de Nelson Mandela, em seus livros e na forma como aplicou o Ubuntu no pós-Apartheid. Ele usou essa filosofia até mesmo para perdoar agressores. Mas o Ubuntu não é só paz e amor: fala também de mediar conflitos e de valorizar o que é certo para a comunidade. Todos têm algo a contribuir, seja com tecnologia, leitura ou história. Essa diversidade fortalece o grupo.

Entrevistador: O que as pessoas podem aprender com a filosofia e a prática da capoeira?

Sidney: Podem aprender sobre a vida. A capoeira quebra paradigmas, como o mito da miscigenação pacífica. Precisamos valorizar nossa cultura e o povo que a trouxe. Acreditamos que a capoeira tem começo, meio e fim, nunca fim. Assim como na filosofia

africana, deixamos legado e permanecemos no giro da vida. Também aprendemos que uma pessoa se forma por meio das outras. O mais velho cuida do mais novo. As crianças representam o futuro; os griôs, o passado; e os jovens ligam os dois. Quando o mais velho ensina, se mantém ágil. O mais novo se torna prudente, porque aprende a história. Isso é fundamental.

Hoje temos um projeto filantrópico na comunidade do Rod, iniciado no começo do ano. É nossa forma de retribuir à sociedade o que a capoeira nos deu. O projeto acontece aos sábados: damos treino, trabalhamos musicalidade, filosofia e prática da capoeira, e no final oferecemos um lanche, já que a comunidade é carente. Nos organizamos para que sempre dois integrantes estejam presentes. Começamos de forma simples, com pão, mortadela e suco, e depois recebemos apoio de colaboradores. Esse projeto dá esperança aos jovens. Já dei aulas na Fundaz, inclusive para deficientes, e também na Fundação Casa. Sei o quanto o trabalho de base é importante, porque dá significado à vida.

Às vezes, o que uma pessoa precisa é de um objetivo: aprender a tocar berimbau, por exemplo. Isso já move alguém.

Costumo repetir uma frase do Mestre Pastinha: *“Capoeira Angola é ver o mundo de cabeça para baixo e dar a volta por cima através do autoconhecimento.”* A capoeira nos ensina a reconhecer forças e fraquezas, a oxigenar a mente e a se levantar de forma digna.

A vida é cheia de quedas. A capoeira nos prepara não apenas para levantar, mas para levantar mais fortes.

Entrevistador: Obrigado pela conversa.

Sidney: Valeu, foi um prazer.

4. Transcrições da entrevista com Paula Tanga

Entrevistador: Paula, antes de começar, queria agradecer por você ter topado conversar comigo.

Paula: Eu que agradeço. Minha vida é bem corrida, acabei de chegar de Macaé. Ainda bem que você me lembrou, porque é muita coisa.

Entrevistador: Eu imagino. Vejo pelo seu Instagram: são muitos projetos, muita atividade.

Paula: Sim, eu tenho nove polos de Bombeiro Mirim, sete salas de leitura, uma galeria urbana, além de trabalhos em outros municípios. É bastante coisa.

Entrevistador: Tem que ser muito guerreira para dar conta disso tudo.

Paula: É muita luta, mas a gente consegue espalhar um pouquinho de dignidade para pessoas em áreas de vulnerabilidade social.

Entrevistador: Para começarmos a entrevista, queria que você se apresentasse: quem é a Paula? Onde você mora, no que trabalha?

Paula: Meu nome é Paula Tanga, tenho 47 anos. Sou escritora, assistente social, gestora de cultura, conselheira do CMDCA e presidente da ONG Afrotribo há 20 anos. Sou criadora do Prêmio Mbutu de Cultura Negra, do Afrofashion, da PEC Cult, entre outros projetos. Moro em São Gonçalo há 23 anos, mas sou natural de Santo Antônio de Pádua, no interior do Rio de Janeiro. Sou mãe de duas meninas e avó de três meninos.

Entrevistador: Caramba, já é avó?

Paula: Já! Tenho netos de 8 anos, 4 anos e 10 meses. É uma delícia.

Entrevistador: Imagino! Eu moro com minhas avós, então sei como é esse carinho. Agora, queria saber: como a filosofia Ubuntu entrou na sua vida?

Paula: A ONG nasceu a partir de um episódio de racismo muito grande que eu sofri e que quase me levou à depressão. Quando a gente passa por isso, fica buscando respostas: “Por que tanto ódio só pela cor da minha pele?”. Eu estava no fundo do poço quando surgiu a ideia de criar um projeto para que jovens negros não passassem pelo que eu passei. Assim nasceu a Afrotribo, a partir da moda, como um dispositivo para trabalhar autoestima de crianças negras em áreas de vulnerabilidade social, levando cultura e oportunidades.

Depois, tive contato com a filosofia Ubuntu no Consulado de Angola, em uma conversa com o cônsul-geral Rosário Seita. Foi quando conheci o poder da palavra *sawabona*, que significa “eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim”. Essa palavra me inspirou a escrever o livro *Sawabona: As Aventuras da Preta e o Careca*, que trata de ensinar nossas crianças a lidar com as diferenças e mostrar que ninguém nasce racista, mas se torna no decorrer da vida.

A filosofia Ubuntu veio depois, em outro momento marcante: ao perceber a falta de representatividade negra no Oscar. Criei, então, o **Prêmio Mbutu de Cultura Negra**, para enaltecer a população negra no Brasil. A primeira edição, no Teatro Carlos Gomes, superlotou: eram 1.200 lugares, mas 3.500 pessoas participaram. O prêmio hoje é chamado de “Oscar da

Cultura Negra no Brasil” e está se nacionalizando, com edições já convidadas para São Paulo, Bahia, Recife e Espírito Santo.

Entrevistador: Que incrível! E como esses projetos impactam a vida das pessoas atendidas pela Afrotribo?

Paula: A ONG oferece 31 oficinas profissionalizantes gratuitas, muitas voltadas ao empreendedorismo para mães solo. Já formamos mais de 5.700 pessoas. Nosso objetivo é dar dignidade, oportunidades e permitir que essas famílias sonhem. Também trabalhamos para mostrar às crianças que elas podem se inspirar em outras referências que não o poder paralelo das comunidades.

Entrevistador: E o prêmio Mbutu, quais áreas ele homenageia?

Paula: São 15 categorias, incluindo música, arte, literatura, medicina, cultura, entre outras. Priorizamos colocar lado a lado pessoas famosas e anônimas, reconhecendo todos igualmente. Também fazemos questão de homenagear aliados brancos que caminham conosco nessa luta.

Entrevistador: E o seu livro? Como foi o processo de escrita?

Paula: Foi inspirado pelas histórias que ouvi no Consulado de Angola. Escrevi *Sawabona: As Aventuras da Preta e o Careca* e o levei para a Bienal de 2018, onde concorri com um conto infantil e fui a mais votada. Isso me rendeu nove salas de leitura. O livro, publicado de forma independente pela ONG, esgotou rapidamente. Hoje, algumas editoras já demonstram interesse em republicá-lo. Também estou escrevendo outro: *Entre Mares – Zuri, a Princesa do Mar de Ébano*, sobre sereias negras.

Entrevistador: É um trabalho de muita resistência, né?

Paula: Sim. As pessoas julgam muito quem mora em comunidade, mas não conhecem a falta de políticas públicas ali. Nosso papel é transformar vidas por meio da cultura e da literatura. Muitas vezes, uma hora de voluntariado já muda a vida de uma criança. Atualmente, temos 22 voluntários que se dedicam a esse trabalho.

Entrevistador: E como você relaciona a filosofia Ubuntu com essa resistência?

Paula: A Afrotribo existe há 20 anos sem apoio político ou religioso, caminhando de cabeça erguida, sustentada por doações e parcerias pontuais. Isso é resistência. O Ubuntu nos mostra que não caminhamos sozinhos. Cada conquista é fruto do coletivo, da comunidade que acredita e apoia.

Entrevistador: Muito bom, Paula. Vou encerrar a gravação aqui.

Paula: Obrigada.

5. Transcrições da entrevista com Beatriz de Menezes Santos

João: Primeiro, só para começar a contextualizar, você pode contar quem é você, um pouquinho sobre você, para a gente?

Beatriz: Sim, claro. Bom, me chamo Beatriz, né? Fui aluna da Rede Ubuntu em 2021, na época o cursinho ainda era online. Fui aluna de um dos polos — a rede é composta por cinco polos — e estudei no Polo Dona Edith, que homenageia uma poetisa aqui da região. Os nomes dos polos são pensados para homenagear pessoas da periferia, que têm alguma história ligada ao território.

Em 2021, fui aluna. Em 2022, cheguei a voltar como aluna novamente, mas logo em seguida passei na faculdade. Entrei na universidade, faço Geografia na USP, e nesse mesmo ano também ingressei como coordenadora no projeto. Então, no mesmo polo Dona Edith em que fui aluna, voltei como coordenadora para contribuir com o projeto.

Desde então, sou coordenadora desse polo. E, atualmente, também faço parte da coordenação da rede como um todo. Cada polo tem sua própria coordenação, e existe uma coordenação geral que articula todos os polos. Hoje, eu também atuo nessa coordenação geral.

A Rede Ubuntu começou há mais de 10 anos, vai fazer 11 anos agora em 2025. Os dois polos iniciais foram o Santo Dias, que fica no Jardim Ângela, e o Alan Soares, que fica no Jacira. Todos são da Zona Sul de São Paulo.

Os outros polos são o Expedita, que fica no Jardim Novo Horizonte Azul — se não me engano — e o Teresinha Magalhães, no Parque Novo Santo Amaro. Então, todos ficam na Zona Sul. A gente optou por não expandir para outras regiões, porque isso dificultaria a organização e a logística do projeto.

Esses dois polos iniciais completaram 10 anos em 2024.

Algumas das pessoas que idealizaram o projeto ainda estão com a gente; outras não fazem mais parte, mas continuam contribuindo de alguma forma — seja financeiramente, na divulgação, ou em outras ações. Quando pensaram no projeto, queriam um nome que expressasse uma filosofia africana e que valorizasse a coletividade.

Como se trata de um cursinho popular, buscavam uma palavra que representasse essa ideia de união, de ajuda mútua — algo que também está presente nas histórias dos patronos dos polos, que ajudaram muito suas comunidades.

Foi então que conheceram a palavra "Ubuntu", por meio de leituras e experiências vividas. Decidiram, então, nomear o projeto como Rede Ubuntu — uma rede de cursinhos populares.

A Rede foi se formando aos poucos. Alguns polos entraram depois, outros já saíram, e hoje temos esses cinco. A filosofia Ubuntu está presente não só no nome, mas também no dia a dia do projeto, na nossa prática.

A gente trabalha isso ao longo dos anos, desde os primeiros polos até hoje. Sempre fazemos questão de deixar clara essa filosofia — tanto para os voluntários e coordenadores, quanto para os alunos que entram no projeto.

João: Eu queria fazer um comentário. Você mencionou que vocês têm essa vivência, e eu vi que têm muitos projetos voltados para a comunidade negra, né? Qual é a importância disso para vocês, já que há essa ligação com uma filosofia africana?

Beatriz: Sim, a gente tenta trazer muito essa questão racial para o cursinho também, né? Porque é um projeto voltado para pessoas da periferia, para pessoas em situação de vulnerabilidade. E a gente entende que a população negra é a mais vulnerável. Ainda mais nas periferias, onde a maioria da população é negra, e o acesso à educação é muito difícil. Mesmo com as cotas, ainda existem barreiras muito grandes — sejam geográficas, ideológicas, enfim.

São muitas as barreiras para que essas pessoas consigam acessar o ensino superior. Então, a gente tenta sempre resgatar essa vivência — não só no discurso, mas na prática mesmo, né? Porque a gente está em um território onde a população mais afetada é negra, além de outras minorias.

A gente traz isso por meio de rodas de conversa, temos um coletivo de política, tentamos trazer esses temas para o cotidiano do cursinho. Por exemplo, discutimos a sobrecarga da mulher negra, o apagamento dessas pessoas na sociedade. Recentemente, iniciamos um projeto chamado *Aquilombamento*, que busca aprofundar esses debates.

Também tentamos inserir essas questões durante as aulas — temas como racismo, xenofobia, preconceitos e até crimes relacionados a isso. A ideia é que os alunos entendam essas questões para que, quando chegarem à universidade ou a qualquer outro espaço, já tenham essa consciência.

João: Mas aí você começou a comentar, e eu acabei te cortando. Como surgiu a ideia do cursinho? Foi uma vontade de alguém? Partiu de alguma situação específica?

Beatriz: Os fundadores foram algumas pessoas que participaram da criação da Rede. Um deles é o Rafael Cícero. Os nomes das outras duas pessoas eu não lembro agora — só lembro que um deles tem o sobrenome Borges. Depois posso confirmar com eles.

Essas pessoas queriam criar algo voltado para a educação, porque já estavam inseridas nesse meio — são professores, atuaram na educação pública de São Paulo, fizeram faculdade de licenciatura. E perceberam como era difícil para os estudantes da periferia ingressarem na universidade. Era (e ainda é) uma barreira muito grande.

Eles viam muita defasagem nos estudos desses jovens. Então, pensaram: “E se a gente se organizasse e criasse um cursinho para ajudar esses jovens a entrarem no ensino superior?” A partir disso, começaram a montar essa ideia, e encontraram outras pessoas que compartilhavam esse propósito. Assim começaram a se organizar como um cursinho.

Depois posso conversar com o Rafael Cícero — que ainda está na Rede — para resgatar melhor como foi esse processo. Porque eu entrei na Rede há pouco tempo, então não conheço todos os detalhes do início. Mas ele, que está desde o começo, pode contar melhor essa história.

Imagino que você vai querer visitar algum dos polos para conhecer na prática. A gente pode tentar marcar um dia em que ele também esteja presente, para compartilhar um pouco da história dele. Acho que seria bem bacana.

A ideia sempre foi essa: ajudar os jovens que eles viam ali no dia a dia. E como funciona o cursinho em si? Qualquer pessoa pode se inscrever? Tem que ser morador da região? Como é a organização?

Então, como organização, a gente sempre prioriza os estudantes da Zona Sul, por uma questão logística. As aulas são presenciais, todos os sábados.

Funciona basicamente o dia inteiro — das 8h até umas 16h30 ou 17h, dependendo do polo. Por isso, damos preferência a estudantes que moram na região.

Geralmente, quem se inscreve em cada polo mora nas redondezas. No caso do Polo Dona Edith, que é o mais próximo do metrô Capão Redondo, a gente recebe alunos de regiões um pouco mais distantes também — já tivemos estudantes de Guarulhos, Grajaú, Sapopemba... É comum. Mas não em grande número, porque entendem que essa questão do deslocamento é difícil.

A maioria dos nossos estudantes está no terceiro ano do ensino médio. Quem já concluiu o ensino médio normalmente está trabalhando ou fazendo algum curso. Muitos trabalham.

E essa é outra questão que pesa bastante na permanência dos estudantes. Como muitos trabalham, fica difícil se deslocar de segunda a sexta para suas atividades e, ainda no sábado, passar o dia todo num cursinho, às vezes levando mais de duas horas para chegar.

Por isso, a maioria dos nossos alunos é mesmo da Zona Sul, das áreas mais próximas.

Quanto ao processo de seleção, a gente tenta humanizar ao máximo. É feito por meio de uma entrevista, mas não é no sentido de “eliminar” ninguém. A gente quer conhecer a pessoa, entender sua história.

As perguntas são voltadas para a vivência da pessoa — de onde ela é, a história da família... A gente tenta captar esse histórico: se os pais são daqui, se vieram de outro estado, se fizeram curso superior ou não. Tudo isso para entender o contexto da pessoa: quais são seus sonhos, por que ela quer entrar na faculdade, quais seus objetivos.

O principal critério de seleção é a renda. A gente prioriza os estudantes com menor renda — os mais vulneráveis socialmente. É muito comum termos alunos que trabalham como estagiários ou jovens aprendizes, que ganham pouco.

Neste último ano, muitos relataram que o “Pé-de-Meia” [programa do governo] foi fundamental para complementar a renda da família. Então, o perfil socioeconômico dos nossos alunos reflete essa vulnerabilidade — e é com base nisso que fazemos a seleção.

João: Vocês têm uma noção de quantos alunos conseguem atender?

Beatriz: Este ano, temos cerca de 300 alunos no total.

Isso depende muito de cada polo, né? Cada polo tem autonomia para definir quantos alunos consegue atender com base na sua estrutura e na quantidade de voluntários disponíveis. O Dona Edith, por exemplo, escolheu atender 90 alunos este ano. O Santo Dias está com um número próximo disso, assim como o Alonso Soares.

O Terezinha é o que atende menos — cerca de 45 alunos — e o Expedita fica em torno de 50. Isso varia muito de acordo com a estrutura. Por exemplo, o Edith e o Expedita estão situados em escolas, que cedem o espaço para a gente usar.

Já os outros polos funcionam em igrejas, então o espaço é mais limitado, as salas são menores e não são tão preparadas para acolher uma grande quantidade de alunos. Então, isso influencia bastante. Nossas aulas acontecem aos sábados.

Também temos aulas aos domingos, esporadicamente — cerca de uma vez por mês — voltadas para as obras obrigatórias da Fuvest. E, durante a semana, temos algumas parcerias que fornecem aulas online.

Esses parceiros nos ajudam bastante nesse sentido. Sobre o processo de entrevista, acho que é isso. E a gente também tenta acompanhar os estudantes ao longo do ano para entender quais são as dificuldades deles, se precisam de ajuda com transporte, por exemplo.

Como o governo ainda não reconhece o cursinho como uma entidade formal de educação, a gente não consegue fornecer o bilhete único estudantil. Então, quando necessário, tentamos ajudar financeiramente os alunos com o custo da condução. Também oferecemos alimentação.

Quase todos os polos oferecem café da manhã, e todos oferecem almoço. Então, o estudante não precisa se preocupar com isso, até porque, né? Quem está com fome não consegue estudar. Tentamos garantir esses suportes básicos.

João: E como funciona a questão dos voluntários?

Beatriz: Aí entra também um pouco da nossa filosofia. Os voluntários são organizados em diferentes categorias. Tem os professores, que são os responsáveis pelas aulas...

Ana: Gente, vocês estão me ouvindo?

João: Sim, pode falar.

Ana: Uma coisa que você acabou não comentando, mas acho importante destacar: no nosso processo seletivo, também perguntamos se a pessoa fez ou faz o ensino médio em escola pública. Se ela vem de escola particular, isso pesa um pouco pra gente. A gente não exclui ninguém, mas sabemos que, mesmo sendo bolsista, o preparo de uma escola particular é totalmente diferente.

Chamamos essa etapa do nosso processo seletivo de “bate-papo de inclusão”. Nas redes sociais, postamos o cronograma, as datas de inscrição, o bate-papo, o aulão e, depois, o início das aulas.

Inclusive, é legal falar que todas as pessoas inscritas são convidadas para um primeiro aulão geral. Então, se tivemos mil inscritos, mesmo que só tenhamos 300 vagas, organizamos um aulão em dois turnos — de manhã e à tarde — e convidamos todo mundo.

A ideia é que essas pessoas conheçam a filosofia do cursinho, vejam que tem gente da própria região que conseguiu entrar, por exemplo, na USP — que é uma universidade muito distante da nossa realidade —, e que isso realmente impacte.

João: Muito bacana. Isso é importante, né? Porque inclui todo mundo, até quem está só buscando uma oportunidade naquele momento.

Ana: Exatamente. Mesmo que a pessoa não entre no projeto, ela já tem a chance de conhecer um pouco do cursinho, os voluntários, as pessoas que fazem parte. A gente também chama os alunos que foram aprovados naquele ano para conversar com os inscritos, para contarem sobre o processo de estudo deles.

Isso é importante para que a galera se sinta representada. Tipo: “Olha, eu conheço aquela pessoa, ela é da minha região, me identifiquei com a história dela e ela chegou onde eu quero chegar.” É uma forma de a pessoa se enxergar naquela história e se sentir motivada.

A gente sabe que o processo de vestibular é muito cansativo. Muitas vezes, desanima bastante. Então, isso é algo bacana. Foi bom a Ana ter lembrado disso.

João: Você estava comentando sobre os voluntários... Então, tem os professores, né? O corpo docente, que vai estar ajudando ali nas aulas e, em alguns momentos, também contribui com outras questões, sempre que estão disponíveis.

Beatriz: Mas o foco maior deles são mesmo as aulas e os bate-papos, né? As rodas de conversa também. Além disso, temos os coletivos — que são compostos por pessoas que podem ou não fazer parte da coordenação. Elas participam de coletivos específicos, como o coletivo de saúde, que é majoritariamente formado por pessoas da área de psicologia, formadas ou não.

Tem o coletivo de política, composto por pessoas que entendem da vivência no território, que têm algum conhecimento sobre questões políticas e temas atuais. Agora também temos o coletivo de cultura, formado por pessoas do próprio território. Recentemente, convidamos o Sarau Balba para participar — eles fizeram um slam nos polos, ajudando os estudantes a conhecer um pouco mais da cultura periférica.

E temos a coordenação, que é formada pelas pessoas que cuidam da parte logística e burocrática para que tudo isso aconteça. Cada polo tem a sua própria coordenação, e a rede como um todo também conta com outras coordenações. Então, uma pessoa pode fazer parte da coordenação do polo e, ao mesmo tempo, da coordenação da rede.

Na maioria das vezes, isso acontece mesmo, porque o intuito é que os polos se comuniquem o máximo possível, para trocarem experiências. Tipo: “Isso aqui funcionou no nosso polo, vamos tentar no outro também.” Essa troca de vivências é importante para que tudo aconteça de forma mais orgânica, e não fique cada um isolado na sua caixinha.

Então, as coordenações de cada polo integram também a coordenação da rede. E há pessoas que fazem parte exclusivamente da coordenação da rede, por terem um foco mais específico — como a parte financeira, a organização pedagógica, entre outros.

E como chegamos até essas pessoas? A maioria das que hoje estão na coordenação já foram alunas em algum momento da rede. No meu caso, por exemplo, fui aluna em 2021 e agora faço parte da coordenação.

No polo Dona Edith, temos 14 coordenadores, se não me engano. Desses 14, 13 são ex-alunos. Só um entrou por indicação, porque era nosso colega, amigo, e o chamamos para participar do projeto.

Mas todos os outros já foram alunos — seja do mesmo polo ou de outro. A gente tenta manter essa lógica: fizemos parte como alunos, recebemos apoio e acolhimento, e agora queremos retribuir.

A Ana, por exemplo, também foi aluna. Ela estudou no Dona Edith e agora faz parte da coordenação do Santo Dias. Ela também já integrou a coordenação do Edith.

E os alunos sentem muito isso. Quando passam no vestibular e entram na universidade, muitos dizem: "Poxa, vocês me ajudaram tanto. Quero retribuir de alguma forma."

A gente tenta manter esse contato com eles o tempo todo. Mesmo que não façam parte da coordenação, se precisamos de uma ajuda pontual, eles estão sempre disponíveis.

Recentemente, por exemplo, fizemos uma visita à USP com os estudantes de 2025. A ideia era apresentar a universidade: infraestrutura, cursos, formas de ingresso...

E quem conduziu essa apresentação foram os ex-alunos. A galera que passou em Geografia, por exemplo, foi quem apresentou o espaço da Geografia na USP. Então, mesmo não estando formalmente na coordenação, eles continuam presentes e conectados.

A gente tenta manter esse vínculo sempre — não só para que eles ajudem a gente, mas para continuar apoiando eles também. Se aparece algum projeto com bolsa, pesquisa ou oportunidade de emprego, a gente sempre tenta direcionar para os nossos, os que estão mais próximos.

João: Legal. Olha, acho que a chamada vai encerrar daqui a pouco... já deu os 40 minutos.

João: A gente vê na educação qual é a importância de ter projetos assim, como o Cursinho Popular?

Beatriz: Eu acho fundamental ter um cursinho popular, porque ele tem uma outra pegada, né? Os cursinhos particulares, o foco deles é que o estudante aprenda o conteúdo e acabou. Já o Cursinho Popular tem uma pegada diferente. A gente quer ver os nossos dentro da universidade. Então, além de fazer esse processo deles aprenderem o conteúdo — porque o vestibular está aí, não tem como fugir — tem esse sentido de coletividade, de acolhimento também.

Porque, como eu já falei, o processo do vestibular é muito difícil. A gente desiste em vários momentos, quer desistir. E para a galera da periferia, esse sentimento de querer desistir muitas vezes bate na porta todos os dias.

Porque tem trabalho, questões pessoais, contas para pagar... Não dá para focar 100% nos estudos e abandonar toda a sua vida, sabe? O estudante precisa conciliar trabalho, faculdade, questões pessoais, saúde mental. É muita coisa que pesa e empurra para baixo.

Então, os cursinhos populares entendem um pouco dessa vivência. São pessoas que, majoritariamente, passam por essa realidade, compreendem esse processo e tentam acolher da melhor maneira possível, transformando o ambiente da universidade também num espaço de acolhimento.

Por exemplo, na Ubuntu, temos grupos de WhatsApp com os alunos que passaram nas universidades. Na USP, existe um grupo só para quem foi aprovado lá, e dentro desses grupos a gente tenta se ajudar também.

Porque não é só fazer o vestibular, passar e entrar na universidade. Chegar lá é um desafio ainda maior — é o desafio de permanecer. Você vai precisar continuar estudando, lidar com suas questões pessoais, trabalhar, conseguir estágio, bolsa de auxílio...

Esses grupos têm justamente o intuito de ajudar a permanência dentro da faculdade, criando um espaço de acolhimento. Porque, quando a gente chega lá na USP — no meu caso — você vê uma galera que está anos-luz à nossa frente, com oportunidades muito melhores, e a gente está ralando para conseguir continuar naquele espaço.

Às vezes, você sente que aquele lugar não é seu. Então, ter pessoas que acolham é fundamental.

Eu acredito que os cursinhos populares trazem esse acolhimento não só no estudo e no apoio ao conteúdo, mas também no apoio psicológico e emocional — antes, durante e depois do processo de entrar na universidade.

É criar vínculos também. A filosofia Ubuntu traz muito isso: “Eu sou porque nós somos.” A gente leva isso como lema.

Se eu estou nesse espaço, eu quero que outros também estejam. Se eu consegui chegar a esse local, foi porque pessoas me ajudaram nesse processo, e eu quero fazer o mesmo pelos meus semelhantes.

Então, o cursinho popular traz esse sentimento de pertencimento — eu estou naquele local e quero que outros também pertençam.

E tem esse apoio, como a Milosa falou, de “bandejar junto”, criar laços de amizade, ir para rolês e tudo mais.

Coisa que, no cursinho particular, raramente vejo isso. O foco total é chegar lá, sentar, estudar e acabou.

João: Verdade.

6. Transcrições da entrevista com Levy Silva Caetano

Levi:

Bom, meu nome é Levi, Levi Silva Caetano. Eu vou comentar sobre coisas que são realmente pertinentes pra mim.

Eu sou filho de pais divorciados, né? E isso acaba tendo implicações na formação de quem a gente é como indivíduo.

Venho de uma família relativamente grande — somos eu e mais quatro irmãos.

Eu sou do ABC Paulista, de São Bernardo do Campo. Mas estudo aqui em Lorena, na USP.

Então, tem toda essa questão da distância, né? E isso também tem suas implicações. A solidão, por exemplo, é algo que bate forte.

E isso tem tudo a ver com a filosofia que a gente vai conversar um pouco mais pra frente.

Bom, eu curso Engenharia — um curso que, honestamente, é bem elitizado, se a gente for olhar o perfil das pessoas que estudam aqui.

Então, é meio que um espaço que parece não ser feito pra pessoas como eu. Mas a gente segue, a gente resiste.

Além disso, eu participo de algumas entidades — que são grupos de alunos voltados pra certas atividades.

Um desses projetos busca atender crianças, jovens e até adultos em situação de vulnerabilidade social.

Também participo de um grupo que se assemelha a uma atlética, com atividades esportivas e sociais.

E, além disso, eu faço parte do coletivo Bunto.

No geral, esse sou eu.

Entrevistador(a):

E pra gente entender melhor: o que é um coletivo? E qual a importância de um coletivo, dentro e fora da universidade?

Levi:

Perfeito. Então, como eu falei, a gente tem as entidades — que são projetos maiores, geralmente com foco em alguma atividade mais ampla.

Mas os coletivos, normalmente, são voltados pra algum grupo minoritário dentro da faculdade.

O primeiro coletivo que surgiu aqui, se eu não me engano, foi o coletivo feminista.

E isso aconteceu por causa de algumas situações bem preocupantes — casos de agressões, sejam elas morais ou até sexuais.

Então, surgiu a necessidade de criar algo que pudesse proteger essas meninas, dar apoio. Seja em festas, seja dentro do próprio ambiente da universidade.

A ideia do coletivo é essa: juntar pessoas que compartilham algum ponto em comum e que fazem parte de minorias dentro da faculdade.

Aqui, a gente tem três coletivos principais:
 – O coletivo feminista, que é o **Enedina**.
 – O coletivo PPI — de pretos, pardos e indígenas — que é o **Bunto**, que é o que eu faço parte.
 – E o coletivo LGBTQIA+, que é o **Wonder**.

Então, esses três são os coletivos que temos por aqui. Todos voltados pra grupos minorizados.

Cada um tem sua dinâmica, seu tipo de atividade, sua frequência de encontro.

Mas, falando do Bunto, que é onde eu estou, as reuniões são muito voltadas pra troca de vivências, pra gente conversar sobre o que tem vivido na faculdade.

Às vezes, a gente se junta pra discutir um livro, um filme, mas o foco é sempre o mesmo: ser um ambiente de acolhimento, de segurança.

Porque, sinceramente, a universidade pode ser um espaço bem hostil pra gente.

Entrevistador(a):

E por que o nome do coletivo de vocês é Bunto? Como essa filosofia entra na vida de vocês?

Levi:

Perfeito. O nome "Bunto" vem da filosofia "Ubuntu", né?

A palavra, traduzida de forma simples, significa "**eu sou porque tu és**".

Pode parecer simples, mas essa frase carrega muita profundidade.

Porque é com esse olhar que a gente entende que o indivíduo não é mais importante do que a comunidade da qual ele faz parte.

Tudo que afeta a comunidade, afeta o indivíduo.

E se a comunidade está bem, esse indivíduo também vai ser beneficiado.

Então, foi com base nisso que a gente escolheu esse nome pro coletivo.

Porque a gente é, sim, uma comunidade aqui dentro da faculdade.

Somos poucos, então precisamos estar unidos. Precisamos nos fortalecer.

Levi:

Porque é a partir daí que a gente entende: não tem como um indivíduo ser mais relevante do que a comunidade da qual ele faz parte.

Tudo que acontece com a comunidade impacta a gente, de alguma forma.

E o contrário também é verdadeiro: se a comunidade está bem, o indivíduo também acaba sendo favorecido.

Foi com esse pensamento que a gente escolheu o nome do coletivo. Porque nós somos, sim, uma comunidade.

E somos poucos aqui na faculdade.

Por exemplo, no meu curso, eu participei de uma ouvidoria uma vez. Um amigo meu era responsável por ela, e me chamou pra ajudar numa pesquisa sobre identificação racial.

E a gente descobriu que menos de 10% dos alunos que responderam se identificavam como pessoas pretas, pardas ou indígenas.

Isso é muito preocupante.

E aí, mais uma vez, vem a necessidade de se unificar.

Foi daí que nasceu o coletivo. E é por isso que a gente escolheu esse nome: porque só conseguimos crescer como indivíduos quando decidimos nos unir como coletivo.

Entrevistador(a):

Nossa, muito legal isso... Eu tô olhando pro lado porque tô acompanhando a gravação aqui, tá? Mas achei muito legal essa união que vocês têm na universidade.

Porque a gente sabe que acontecem muitas situações, e muita gente prefere fingir que não vê, né?

Mas, além dessa proteção, eu vi que vocês fazem outras ações também, né? Vi no Instagram de vocês.

Levi:

Sim, sim! É verdade. Eu até esqueci de comentar.

O coletivo teve uma participação muito forte, aliás, todos os três coletivos tiveram, durante a época da greve aqui na USP.

Foi uma greve pedindo mais professores, melhores condições pra estudar mesmo.

Pra você ter ideia, em um dos cursos daqui — o de Engenharia de Produção — tinha um professor dando duas matérias no mesmo horário.

Isso é fisicamente impossível! Mas ele fazia isso: saía de uma sala e ia pra outra.

Dá pra ver o nível de precariedade e a negligência que a gente enfrenta.

Mesmo sendo USP, o nosso campus aqui é um dos mais deixados de lado. Muito por conta da distância.

Já os campi da capital têm bem mais recursos, mais atenção. Aqui a gente acaba meio esquecido.

Essa foi uma das principais motivações pra greve.

E durante esse período, quem realmente esteve presente foram os coletivos.

A gente participou na produção de cartazes, nas manifestações, nas conversas com o prefeito do campus, com os professores responsáveis...

Vários professores apoiaram a causa.

Agora, o problema foi que muitos alunos que não participam dos coletivos aproveitaram a greve como desculpa pra emendar com os feriados.

Aderiram à greve, mas com outra intenção.

Enquanto isso, quem realmente segurou a barra e tentou melhorar as condições de ensino foram os coletivos.

De novo, isso mostra como o coletivo é fundamental pra guiar decisões importantes dentro da universidade.

Mesmo que alguns tenham usado a greve pra descansar, o pessoal dos coletivos viu ali uma oportunidade real de mudar alguma coisa.

Levi (continua):

E isso aconteceu de novo, em outro momento.

Agora, no começo deste ano, teve um problema com o transporte.

Mais uma vez, por conta da precariedade.

O preço da passagem teve um reajuste absurdo, praticamente quadruplicou, se eu não me engano.

O valor anterior não era alterado desde antes da pandemia, então a empresa alegou que não estava mais tendo lucro.

O problema é que essa mudança foi repentina.

De uma semana pra outra, a passagem ficou caríssima.

E isso afetou diretamente os alunos, porque o campus é bem longe do centro da cidade.

Não é um lugar acessível.

Ou você tem carona, ou vai de carro, mas a grande maioria depende do ônibus.

E aí, mais uma vez, foram os coletivos que se mobilizaram.

A gente foi conversar com representantes da empresa, com os professores, tentar fazer essa ponte.

Mesmo que o impacto direto da nossa ação não tenha sido tão grande, a gente conseguiu pelo menos mediar o diálogo.

Apresentar o lado dos alunos e explicar pros alunos o lado da empresa também.

Então, o coletivo acaba servindo também como um mediador entre os interesses dos estudantes e a administração.

Levi:

Então, todo esse reajuste impactou direto o transporte dos alunos. Porque, assim... o campus não é acessível. Ele é longe do centro da cidade.

Ou você vai de carona, ou de carro. Mas a maioria mesmo depende do ônibus.

E essa mudança no preço aconteceu do nada, tipo, de uma semana pra outra.

“Vamos aumentar o preço da passagem.” E foi isso. Nenhuma explicação antecipada. Nenhum preparo.

Quem correu atrás de entender e tentar resolver fomos nós. Principalmente os coletivos.

A gente conversou com o representante da empresa, com professores que ajudaram a fazer essa ponte de diálogo.

Mesmo assim... a verdade é que a gente não conseguiu causar tanto efeito.

Mas conseguimos, pelo menos, tentar apaziguar, entender os dois lados.

Mostrar pros alunos o lado da empresa, e mostrar pra empresa o que os alunos estavam passando.

Então, nesse sentido, a gente acaba meio que servindo como um mediador. Entre os serviços voltados para os alunos e os próprios alunos.

Entrevistador(a):

E você, Levi, como pessoa negra... qual é a importância de ter contato com essas filosofias? Com a história negra?

Na faculdade, você sente que existe esse espaço? Ou é mais apagado?

Porque você mesmo falou, né? É uma faculdade bem elitista.

Levi:

Então... na faculdade é bem difícil ter acesso a esse tipo de conteúdo.

Nosso campus mesmo se chama EEL — Escola de Engenharia de Lorena. Então, é tudo voltado pra exatas.

E o pessoal que faz esse tipo de curso, na maioria, já vem com essa postura... de não dar muita importância pra essas questões.

Um exemplo muito claro disso, que ficou marcado, foi justamente na época da greve.

A gente criou várias rodas de conversa. Justamente pra trazer esses temas, pra falar da importância deles pra comunidade da faculdade.

E, cara, o que mais doeu... foi ver que só os outros coletivos apareciam.

A gente tem diferenças, claro. Mas todos os coletivos compartilham esse sentimento de minoria.

Só que o resto da faculdade, a maioria mesmo, não parecia se importar.

Então, a gente montava essas rodas, divulgava... E apareciam pouquíssimas pessoas.

Sempre as mesmas, sempre quem já tava engajado. O pessoal de fora, mesmo, não fazia questão. Era indiferente pra eles.

E esse é um dos maiores problemas que a gente enfrenta.

Levi (continua):

Por isso que eu senti tanta necessidade de me juntar ao coletivo.

De encontrar outras referências, sabe? Gente com quem eu posso me espelhar, conversar, trocar.

Porque tem muita coisa que eu não consigo falar com colegas de sala.

Mesmo que o cara seja meu amigo, ele não vai entender o que eu tô sentindo. Não vai entender minhas dores.

E eu preciso de gente que entenda.

E, na faculdade, essas pessoas são raras.

Entrevistador(a):

Tem mais alguma coisa que você acha importante comentar? Alguma parte da filosofia que você acha que a gente não tocou?

Levi:

Sim, tem sim.

Tem algumas coisas que eu tava pensando aqui... E acho que são importantes, até pra entender o momento que a gente vive.

Um marco forte foi o caso do George Floyd.

Ele foi sufocado, e aquilo mexeu demais com a comunidade negra no mundo inteiro.

Naquela época, surgiram muitos movimentos, inclusive o Black Lives Matter ganhou mais força.

E dá pra ver como essa filosofia do Ubuntu está presente. Porque a dor de um, ali, foi sentida por todos nós.

Tem uma música... acho que é do Favela Vive. Não lembro qual agora.

Mas tem uma parte que diz mais ou menos assim:

"Se um negro ficou rico, a favela venceu de novo."

É esse sentimento.

Quando um de nós consegue furar essa bolha que a gente é colocado, é como se toda a comunidade vencesse junto.

E quando um de nós é assassinado brutalmente... a dor não é só dele. A gente sente também.

Levi (continua):

Teve até aquele caso do repórter negro que foi confundido no estádio. Você viu?

Aquilo também foi uma pancada.

São situações que, mesmo quando não são com a gente diretamente, a gente sente como se fossem.

Mesmo que eu não tenha sofrido aquilo, eu sei o que aquilo significa, eu sei como dói.

E a filosofia do Ubuntu fala muito disso: empatia real.

Entender que a gente é uma comunidade. Um só corpo.

Levi:

Só que existem perfis de pessoas que **não priorizam o individualismo**, sabe?

A filosofia do **Ubuntu** vai justamente contra isso.

Ela busca entender a pluralidade — as diferenças que existem entre a gente — e tenta **conciliar todas**.

É quase como **uma filosofia de resolução de conflitos**, que sempre procura o bem coletivo.

O problema do individualismo é justamente esse: a pessoa quer sair da bolha dela, agir só por si, e **não percebe como suas atitudes afetam o outro**.

Levi

(continua):

Um exemplo legal disso, que acho importante comentar, é o que aconteceu na **África do Sul**.

Você deve saber, né? Lá teve o **apartheid**.

Desde o século XVII, muitos europeus foram pra lá, na época da colonização.

Hoje, os descendentes brancos representam **só cerca de 4% da população**. O resto é negro.

Mas, mesmo assim, houve todo um sistema político de **segregação racial**.

Muito parecido com o que aconteceu nos EUA.

Aí, quando o apartheid chegou ao fim, **surgiu a necessidade de reconstruir o país**.

De **unificar** de novo. E foi aí que a filosofia do **Ubuntu** começou a ganhar força.

Levi

(continua):

A segregação, no fim das contas, busca dividir. Classificar as pessoas por raça, cor, origem.

E a proposta do Ubuntu é justamente o contrário: **“Eu sou porque nós somos.”**

Então, quando o Nelson Mandela sai da prisão e começa esse processo de reconstrução, ele **abraça essa filosofia**.

Porque ele entende que só unindo branco e preto, juntos, **o país poderia avançar**.

Entrevistador(a):

Sim! Eu lembro disso. Inclusive, li uma matéria que dizia que o Ubuntu foi justamente usado **pra unir o povo**, e não como uma forma de vingança ou separação. Muito bonito isso.

Levi:

Exato! E aí, quando a gente olha pros dias de hoje... parece que **essa ideia tá sendo colocada em xeque de novo**.

Teve aquele caso do **Trump**, né? Você chegou a ver?

Ele começou a divulgar uns vídeos dizendo que a população branca na África do Sul estava sofrendo **genocídio**.

Mas os vídeos eram **feitos por inteligência artificial!**

Não tinham nenhuma base real. O próprio presidente sul-africano pediu pra saber **de onde ele tinha tirado aquelas imagens**. E não existia fonte.

Era tudo **inventado pra gerar pânico**.

Levi

(continua):

E isso, de novo, é reflexo desse **pensamento individualista** que é muito forte nos Estados Unidos.

Tipo, ele vê os EUA como uma bolha, e o resto do mundo... como se não importasse.

É a mesma coisa com a fronteira com o México, por exemplo.

Essa mentalidade de separação, de “nós contra eles”, de construir muros — **tudo isso vai na contramão do que a filosofia Ubuntu propõe**.

Levi

(continua):

Pra mim, a humanidade só vai conseguir **realmente evoluir de forma saudável** quando a gente entender que somos **interdependentes**.

Eu sempre falo disso porque **faz muito sentido pra mim**.

Essa ideia de que eu dependo do outro.

E, indo mais fundo, **eu também dependo dos meus ancestrais**, da minha história, e **do planeta**.

A filosofia Ubuntu une tudo isso.

"Eu sou porque tudo é."

Não tem como eu existir como indivíduo se não existir tudo aquilo que **permeia minha existência**.

Levi

(continua):

Por isso que, às vezes, a gente ouve aquele papo de gratidão ao sol, aos rios... e parece meio místico.

Mas é real. É entender que a vida **não é só sobre você**.

É sobre **tudo ao seu redor**. A natureza, as pessoas, as histórias, as dores... tudo isso forma quem a gente é.

Entrevistador(a):

Nossa, muito bonito isso. E faz todo sentido. E você falou agora há pouco do Mandela... Me lembrei também do contexto da segregação racial nos EUA. Onde também surgiram duas figuras com visões muito diferentes, né?

Levi:

Sim, sim. Na época da segregação nos Estados Unidos, **dois líderes se destacaram muito: o Malcolm X e o Martin Luther King**.

Eles tinham visões praticamente **opostas**.

O **Malcolm X** defendia que a população negra devia **voltar pra África**, reconstruir lá, se unir lá.

Pra ele, não fazia sentido continuar dependendo de um sistema que **tinha escravizado seus antepassados**.

Levi

(continua):

Já o **Martin Luther King** vinha com uma visão mais próxima do Ubuntu.

Ele queria a unificação. O sonho dele era **ver os Estados Unidos unidos**, com igualdade entre negros e brancos.

Não só os EUA, mas **o mundo todo**.

E esse sonho, pra mim, conversa muito com o que a gente acredita no coletivo.

Esse sentimento de que **ninguém vence sozinho**. Que **a luta de um é a luta de todos**

7. Transcrições da entrevista com Raphael Silva Santos

Entrevistador: Rafael, para a gente começar: qual é o seu nome completo e como você gostaria de ser apresentado? Como escritor mesmo?

Rafael: Eu sou Rafael Silva Santos, sou escritor mesmo, escritor.

Entrevistador: Rafael, queria que você contasse um pouco sobre você. Como começou a escrever e como foi sua formação?

Rafael: Eu tenho 29 anos, sou de Itapeverica da Serra, cidade vizinha de São Paulo. A escrita entrou na minha vida meio por acaso. Eu não achava que fosse para mim. Nos livros da escola ou nas leituras de ficção, eu sempre via narrativas muito europeias, muito eurocêtricas, e não conseguia me identificar. Aí um dia pensei: “pô, talvez eu pudesse escrever uma história que incluísse pessoas parecidas comigo”.

Então, inventei de escrever um conto de umas 20 páginas. Esse conto acabou virando um livro, publicado pela Editora Quitembo em 2019 ou 2020, bem naquela época da pandemia. Esse processo de escrita me ajudou a perceber que a literatura também era para mim, que existiam muitas outras formas de literatura além das tradicionais. Isso foi fundamental para atravessar aquele período difícil da Covid.

Na época, tudo estava muito tenso. Meus pais são enfermeiros e trabalhavam na linha de frente, e nós morávamos todos juntos. Foi um período bem pesado.

Entrevistador: Entendo. E você pode falar um pouco sobre o livro? O nome, a história, sem muitos spoilers?

Rafael: Claro. O livro se chama *Ubuntu 2048*. Ele já tem duas edições, a mais recente também pela Editora Quitembo, com capa nova e algumas revisões.

É difícil de definir, mas a editora o classifica como um *thriller* cyberpunk afrofuturista alucinante, onde o significado de “ser você no outro” é a única garantia de sobrevivência. A história se passa em 2048, na cidade fictícia de Salvador, um lugar onde as estruturas sociais esqueceram o valor de viver em comunidade. É um universo individualista, caótico, distópico.

Os protagonistas são Seray, um garoto perseguido, e Kinaia, uma androide hackeada, também perseguida. Eles se encontram por acaso e descobrem que a filosofia Ubuntu — se encontrar no outro — pode ser usada como uma espécie de tecnologia para sobreviver nesse mundo caótico. No livro, tem de tudo: eles derrubam drones, explodem trens, enfrentam várias situações.

Entrevistador: Apesar de ser futurista, é uma história que conversa com o presente, né?

Rafael: Sim. Quando comecei a escrever, eu tinha acabado de entrar na faculdade de Ciências Sociais. Estava com muitos assuntos políticos na cabeça e usei a escrita como forma de desabafo, de refletir sobre o mundo e como eu gostaria de representá-lo.

Entrevistador: E como você conheceu a filosofia Ubuntu?

Rafael: Acho que foi no próprio processo do livro. Conheci o pessoal da editora e a comunidade de literatura, de escrita, de criatividade. Foi nesse contato que percebi que não estava sozinho. Havia várias pessoas pensando em coisas parecidas e outras diferentes, mas que dialogavam com o que eu estava criando.

Escrever parece algo solitário, mas na verdade é um processo coletivo: exige logística, apoio, e muita gente envolvida para o livro existir. Isso me fez perceber, na prática, a filosofia Ubuntu: “eu sou porque nós somos”.

Entrevistador: E quanto tempo levou para escrever o livro?

Rafael: Foi relativamente rápido: cerca de um ano, um ano e meio.

Entrevistador: E você imaginava que a recepção seria tão grande?

Rafael: Não. Achei que seria só uma historinha divertida, que algumas pessoas iam ler. Mas o livro alcançou bastante gente: foi indicado em escolas, entrou em bibliotecas, teve clubes de leitura. A segunda edição, inclusive, lancei na Bienal do Rio. Foi minha primeira viagem fora de São Paulo, olha só!

Foi muito maior do que eu esperava, e isso me deixou muito feliz.

Entrevistador: Muito legal. E hoje, olhando para trás, como você vê o impacto da literatura?

Rafael: Eu vejo como algo essencial. Literatura e jornalismo são sempre os primeiros alvos em regimes autoritários, justamente porque fazem as pessoas pensarem. Ler é sair da realidade e mergulhar em outro mundo, na cabeça de outro autor, em outra época. É uma experiência transformadora.

Antes de escrever, eu lia muito pouco. Lia principalmente autores estrangeiros como Arthur C. Clarke ou Philip K. Dick. Mas escrever me abriu portas para descobrir produções nacionais incríveis, que me mostraram outros caminhos

João: Luiz, primeiro, para a gente começar o nosso bate-papo aqui, eu quero saber um pouquinho sobre você: com o que você trabalha, um pouco da sua vida, só para a gente contextualizar.

Luiz: Ok, claro. Bom, eu sou psicólogo clínico, formado em 2022 pela Universidade de Santo Amaro, aqui em São Paulo, capital. Atualmente, atuo na Psicologia Clínica em uma clínica de impacto social no Jardim Ângela, na Zona Sul de São Paulo, chamada Paz do Extremo Sul.

Além do trabalho clínico, também desenvolvo atividades como psicólogo social. Atendemos pessoas da região com o objetivo de oferecer acesso à psicoterapia e aliviar um pouco a sobrecarga do SUS, que tem enfrentado uma demanda muito alta em saúde mental.

Outro foco importante são as questões étnico-raciais, muito presentes na demanda da região. O Jardim Ângela é uma das áreas mais pretas da cidade. Temos uma proximidade com o Capão Redondo, com a região da Jacira — áreas que, juntas, já foram conhecidas como Triângulo da Morte nos anos 90. Então, nossa proposta também é cuidar dessa população com esse olhar sensível e comprometido.

Além disso, sou voluntário no cursinho pré-vestibular da Rede Ubuntu, que tem cinco polos. Lá, além de atuar como educador, também ofereço assistência psicológica aos alunos. Participamos de um coletivo chamado Coletivo de Saúde, onde realizamos rodas de conversa, orientações vocacionais e, em alguns casos, acolhimentos mais pontuais com até cinco ou dez sessões, para definir um encaminhamento mais adequado.

João: O tema do meu TCC é sobre Ubuntu, e queria saber: como você conheceu essa filosofia? Qual foi o impacto quando teve contato com ela pela primeira vez?

Luiz: O impacto da filosofia Ubuntu foi muito significativo para mim, e aconteceu antes mesmo da minha formação em Psicologia ou do início da minha atuação profissional. Veio ainda no processo de me reconhecer como uma pessoa preta na sociedade, por volta dos meus 16 ou 17 anos.

Foi nessa época que comecei a perceber que meu cabelo podia cachear — algo que nunca tinha explorado porque fui condicionado, como muitos jovens pretos, a mantê-lo sempre raspado. Tive contato com colegas de outras turmas no ensino médio que falavam sobre identidade, e isso foi me despertando um sentimento de pertencimento.

A partir desse despertar, fui me aproximando da filosofia Ubuntu. Mas a imersão mais profunda, de fato, veio nos últimos anos, quando comecei a estudar e vivenciar mais diretamente essa filosofia.

João: Achei muito interessante você trazer essa questão racial, porque quando comecei a pesquisar sobre o tema, muitas pessoas me disseram: “escute pessoas negras”. Como pessoa branca, entendi que preciso ouvir. Na sua opinião, qual a importância de pessoas negras se reconectarem com a ancestralidade e com as filosofias africanas?

Luiz: É essencial. Existe um grande apagamento da história preta, e isso não é incentivado socialmente. No meu caso, sou filho de mãe preta e pai branco. Mas minha mãe, por falta de acesso à informação, nunca foi incentivada a explorar sua ancestralidade.

Esse contato com a ancestralidade e a identidade foi fundamental para que eu me enxergasse como sujeito social. Antes disso, eu me sentia deslocado. Sempre estive em grupos majoritariamente brancos na escola, e havia esse sentimento de não pertencimento — mesmo sem saber exatamente por quê.

Ter acesso à história preta, à representatividade e às referências é fundamental. Porque, sem isso, crescemos sem nos ver nas novelas, nos filmes, nas músicas. E quando aparece uma referência, ela quase sempre é embranquecida.

Quando me conectei com a ancestralidade, isso me trouxe leveza. Passei a sentir que não estava só, e percebi que outras pessoas também buscavam uma existência que nunca nos foi permitida. Isso me deu força. E hoje tento levar isso para meu trabalho.

João: Você comentou que atua como educador e psicólogo. Como é esse trabalho? Você compartilha esses conhecimentos com os alunos?

Luiz: Sim. Tem sido uma experiência muito gratificante, tanto pessoal quanto profissional. Estou na Rede Ubuntu desde 2023, no meu primeiro ano de atuação como psicólogo. Conheci o projeto por meio de uma amiga da faculdade e nunca mais saí.

Comecei apenas como psicólogo, mas fui me envolvendo também com a coordenação e as articulações. O cursinho tem uma proposta muito política. Não é só preparar para vestibular — buscamos também instigar os alunos a se enxergarem como sujeitos de direito.

Além do Coletivo de Saúde, temos coletivo de política, de mulheres, entre outros. Tudo voltado para a formação crítica e cidadã.

No ano passado, criei um projeto dentro da rede chamado **Aquilombamento Ubuntu**, após uma visita ao quilombo revolucionário do Carmo, em São Roque. Foi uma experiência transformadora. Tivemos contato com pessoas que vivem sua ancestralidade de forma muito viva e lutam diariamente por seus territórios. A união e o espírito comunitário deles me tocaram profundamente.

Foi ali que eu entendi, na prática, o que é Ubuntu. A partir disso, desenvolvi o projeto para proporcionar aos alunos algo semelhante. No ano passado, tivemos seis encontros online com convidados da região, abordando temas como identidade, gênero, sexualidade e educação. Tudo com base na coletividade, na escuta e na partilha.

Este ano, conseguimos incluir o projeto na grade do cursinho. Já realizamos dois encontros presenciais: um sobre arte e ancestralidade — um tema que me conecta muito, já que uso arte-terapia nas sessões —, e outro sobre masculinidade. Tem sido muito rico ver o engajamento dos alunos.

João: Como você acha que esses conteúdos e essa filosofia poderiam ser inseridos na educação brasileira?

Luiz: Isso é algo que trabalhamos constantemente, porque muitos alunos vêm de contextos de negligência — não só da escola, mas da própria família. O desafio é grande porque muitos nunca tiveram acesso a esses temas, e por isso, às vezes, resistem.

Há uma dificuldade de inserção, pois falta base para esse tipo de reflexão. E o currículo escolar ainda direciona os estudantes para outros caminhos, mais técnicos, sem contemplar identidade, história preta, ancestralidade.

João: Para finalizar: o que foi mais marcante para você em todos esses trabalhos com a filosofia Ubuntu?

Luiz: O mais marcante, com certeza, é quando os alunos voltam. Ver ex-alunos retornando como educadores, coordenadores, voluntários... isso mostra que eles entenderam o propósito. Eles retornam porque se sentiram acolhidos e passaram a acolher também.

Isso para mim é Ubuntu: reconhecer que você não está sozinho, e que pode construir junto. É a resposta mais gratificante que posso receber desse trabalho.